

Visão panorâmica do espiritismo

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras”. (Friedrich Nietzsche)

Lemos o artigo que leva o título de “*Visão panorâmica do espiritismo*”, assinado por Pr. Joel Santana, e publicado no site CACP, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/visao-panoramica-do-espiritismo/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra argumentação. Lembramos aos leitores que respondemos a esta obra do pastor “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” e que se encontrará em nossa conclusão o link para baixar toda ela e conhecerem nossa refutação.

CAPÍTULO I – VISÃO PANORÂMICA

1.1. Que é o Espiritismo e quais as suas reivindicações?

Dando início ao nosso estudo do livro do pastor Joel, nos deparamos neste tópico com uma definição que ele deu sobre o “*Kardecismo*”, vindo a buscar este significado junto ao dicionário Aurélio que assim diz: “...*Doutrina religiosa de Allan Kardec, pensador espírita francês...*”. O que já pudemos observar, não somente esta citação, mas logo em nossa introdução é que o crítico não conhece as bases da Doutrina Espírita, não pesquisou a fundo a codificação e numa leitura apressada, suas reflexões ficaram prejudicadas, levando, inclusive, seus leitores ao erro, ao qual nos propusemos a corrigir o pastor, o que faremos outra vez, já que não existe Kardecismo, o que há é o Espiritismo e as demais filosofias com a crença na imortalidade da alma, na reencarnação e não comunicabilidade com o plano espiritual e físico são denominadas de Espiritualismo, que não adentraremos à miúdo em seus detalhes, nos atendo somente ao esclarecimento do Espiritismo. Pois bem, não somente o pastor se equivocou em sua definição inicial, mas também o Aurélio, pois a Doutrina Espírita não é uma doutrina religiosa de Allan Kardec, mas uma ciência, baseada na observação de fenômenos extrafísicos que propõe uma filosofia com impactos e conseqüências morais ao espírito encarnado.

Passando mais adiante em nossas reflexões ao tema, nos deparamos com a afirmação do pastor, dizendo que o Espiritismo é “*uma das ramificações do Espiritismo*”, o que nos chama à atenção, pois ele o compara ao Cristianismo e suas agremiações denominacionais, tal como se projetara ao Espiritismo tal ordem, o que os fatos o

provam ao contrário, pois Espiritismo somente o é aos que adotam a Codificação de Kardec como base de seus estudos e as demais obras de médiuns espíritas como complementares. Isto fica patente no trato do pastor com o Espiritismo, por estar habituado e familiarizado com o Cristianismo e suas ramificações, o que não poderá ser aplicado ao Espiritismo.

Para o pastor, o Espiritismo veio a ser revelado “em 18 de abril de 1857”. Será que ele sabe o que significa esta data para os Espíritas, se não mencionou, devemos, porquanto esclarecer que é devido a data de publicação da primeira obra basilar da Doutrina Espírita que foi *O Livro dos Espíritos*. Ainda para o pastor, o Espiritismo “*Prega a mediunidade, a caridade como tábuas de salvação, a reencarnação, etc*”, cuja definição dada é incompleta, já que o esclarecemos e viemos a reforçar que o Espiritismo entabula como conceito mais amíúde a pluralidade das existências, a pluralidade dos mundos habitados, o intercâmbio entre o mundo espiritual e material, a moral de Jesus e sobremaneira a reforma íntima como condição sinequanon para se chegar ao grau de espírito puro, tal qual não necessite mais da vida física para seu progresso, restando somente encarnar em caráter missionário, tal qual ocorrera a Jesus. Ademais, o próprio mestre Jesus nos asseverou que “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus. (Mt 5,48)” que somente através da reencarnação é que se pode compreender tal passagem. Kardec, em sua sapiência investigativa argui os espíritos na obra *O Livro dos Espíritos* e eles nos esclarecem.

132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

“Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, *têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal*: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta”

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza. (KARDEC, 2004, pp. 136-137, grifo nosso)

Percebemos ainda que o pastor desconhecia esta questão da obra *O Livros dos Espíritos*, ou a considerou somente uma face do prisma, ignorando, sobremaneira o seu âmago e outras facetas da interpretação que o estudo contínuo das obras básicas não

poderia nos deixar escapar importante fundamentação, ao qual observamos em suas afirmações, sendo estas a do pastor, sobre a perfeição e a condição, ou meio de se chegar a ela quando ele diz que:

“Esta é considerada necessária à evolução dos espíritos. Estes, através das vicissitudes da vida e das boas obras, podem expiar suas culpas, reparar seu passado e acumular méritos até se tornarem perfeitos”.

Como bem frisaram os espíritos em resposta a Kardec e que fizemos a questão de destacar que a encarnação é necessária ao espírito aprendiz, com o objetivo de se chegar à perfeição através das expiações de faltas passadas, das provas, bem como o concurso de encarnações missionárias que trarão ao espírito encarregado do progresso de outros mais, a sua evolução na senda do bem, além dos que foi encarregado de levar luzes sobre as trevas da ignorância. Acreditamos ainda que foi elaborado no capítulo XVII na obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, um conceito ao qual citamos como condição da perfeição. Vejamos:

Caracteres da perfeição

1. Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam. - Porque, se somente amardes os que vos amam que recompensa tereis disso? Não fazem assim também os publicanos? - Se unicamente saudardes os vossos irmãos, que fazeis com isso mais do que outros? Não fazem o mesmo os pagãos? - Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial. (S. MATEUS, cap. V, vv. 44, 46 a 48.)

2. Pois que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta proposição: “Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial”, tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a este, o que é inadmissível. Mas, os homens a quem Jesus falava não compreenderiam essa nuance, pelo que ele se limitou a lhes apresentar um modelo e a dizer-lhes que se esforçassem pelo alcançar.

Aquelas palavras, portanto, devem entender-se no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: “Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem.” Mostra ele desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes.

Com efeito, se se observam os resultados de todos os vícios e, mesmo, dos simples defeitos, reconhecer-se-á nenhum haver que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm seu princípio no

egoísmo e no orgulho, que lhes são a negação; e isso porque tudo o que sobre-excita o sentimento da personalidade destrói, ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. Não podendo o amor do próximo, levado até ao amor dos inimigos, aliar-se a nenhum defeito contrário à caridade, aquele amor é sempre, portanto, indício de maior ou menor superioridade moral, donde decorre que o grau da perfeição está na razão direta da sua extensão. Foi por isso que Jesus, depois de haver dado a seus discípulos as regras da caridade, no que tem de mais sublime, lhes disse: “Sede perfeitos, como perfeito é vosso Pai celestial.” (KARDEC, 1996, pp. 271-272)

Como podemos observar, o Evangelho nos convida ao entendimento de que as obras de Kardec estão em completa harmonia com o conceito do Mestre Jesus, mas o pastor ainda nos diz que a nossa perfeição não será *“tão perfeitos quanto Deus, mas terão a perfeição que a criatura comporta”*. O que em parte ele está correto e compreendeu a mensagem neste ponto. Contudo, no trato com a salvação, assunto este sobremaneira importante no Cristianismo, *“Alcançar a salvação é, na linguagem espírita, atingir essa inevitável perfeição”*. Como frisamos com as citações das obras basilares, o caminho da perfeição exige um comportamento diferente de nossa parte do que este conceito, onde poderíamos nos arremeter a certeza na vida futura, uma vez que percorremos no seio das vidas sucessivas o nosso aprimoramento e a necessidade da reforma íntima, mediante o esforço de dominarmos nossas más inclinações, o que corrobora até mesmo o que diz o pastor, sendo *“inevitável perfeição”*.

Acerca das penas eternas e recompensas futuras, o que temos a obra O Céu e Inferno, o pastor nos diz que o Espiritismo:

“prega que ninguém será condenado eternamente, considerando que, mais cedo ou mais tarde, todos os espíritos avançarão rumo à perfeição e a alcançarão indubitavelmente”.

É bem por aí mesmo, pois para a Doutrina Espírita não há a condenação eterna mediante erros completamente humanos e finitos, o que sujeita à criatura a possibilidade do arrependimento e reparação através da reencarnação. O Espiritismo, na visão do pastor:

“se considera genuinamente cristão, bem como a terceira revelação de Deus à Humanidade”.

O que em parte não procede, uma vez que ser cristão para o pastor e boa parte dos que se intitulam como tal, deverá crer num pacote de dogmas para ser considerado

cristão, mas que na concepção dada por Kardec, através do ensino dos espíritos, percebemos que a moral de Jesus sobressai a todas as legalidades de prestação de culto e formas do Cristianismo dogmático, preocupados mais com a forma do que com o fundo. Já sobre a terceira revelação, entendemos, assim como diz o pastor:

“que a primeira revelação de Deus é o Antigo Testamento; e a segunda, o Novo Testamento”;

Dessa forma, cabendo a Doutrina Espírita o cumprimento da promessa do Mestre Jesus do Consolador Prometido que adentraremos em detalhes mais adiante e que até o pastor virá a nos dizer que:

“Nesta obra empreendo demonstrar que essas reivindicações e alegações kardequianas não resistem a um confronto com o bom senso”.

O que denota que somente ele é possuidor de tal envergadura moral e intelectual para provar que o seu bom senso está acima dos demais, no que se refere ao trato com o Espiritismo, mas que até o presente momento o pastor ficou destituído de tal virtude a avaliar aquilo que não compreendeu. Contudo, ele pretende:

“provar como dois mais dois são quatro, que essa confissão religiosa, muito longe de ser a alegada terceira revelação de Deus, não honra o título de cristã que, injustamente lhe foi conferido”.

A única injustiça aqui apercebida nos leva a corrigi-lo mais uma vez que a Doutrina Espírita não é uma agremiação religiosa nos padrões de suas crenças. Já as demais alegações, veremos nas páginas que se seguem se os seus argumentos comprovarão a sua vontade. Para o pastor,

“Há muitas ramificações espíritas; e nenhuma delas é, obviamente, igual às demais. Logo, é injusto não reconhecer as distinções e diferenças que há entre o Kardecismo e o Candomblé, entre o Candomblé e a Umbanda, entre a Umbanda e o Vodou, entre o Vodou e o espiritismo europeu, etc”.

E continuando em sua injustiça, é que teremos que o corrigir mais uma vez, pois o Espiritismo não é uma agremiação confundida às demais crenças Espiritualistas. Antes, porém, Espiritismo é Espiritismo e as diferenças com as demais crenças espiritualistas são grandes, ao qual demonstraremos, mas o pastor já nos dá “*estes exemplos*”:

1.1.1. O Espiritismo e os Cultos Afro-brasileiros

Não é de hoje que as crenças protestantes fazem um balaio de gatos entre as crenças espiritualistas e o espiritismo, julgando-as como sendo as primeiras decorrentes da Doutrina Espírita. Este é um conceito que nós temos que esclarecer ser contraproducente, uma vez que as crenças espiritualistas têm seus conceitos e regra de fé, e o espiritismo, por sua vez, também os tem, sempre pautados na filosofia, moral e ciência que os diferem, às crenças espiritualistas, de maneira substancial do espiritismo. De antemão, respeitamos as crenças espiritualistas citadas nesta obra, como sendo o *Candomblé*, *Umbanda*, *Quimbanda*, citadas pelo autor. Não partiremos para as definições destas crenças espiritualistas, uma vez que não temos o conhecimento profícuo para fazê-lo, cabendo apenas dentro da Doutrina Espírita o esclarecimento oportuno dentro da Codificação, já que julgamos deveras não nos apoiar no *saudoso Aurélio* para definições bem simplórias dadas pelo autor da crítica.

Um dos pontos curiosos do autor é o de intitular um culto afro-brasileiro como sendo *afro-baianos*, como se todo o baiano fosse descendente de negros africanos e pasmem, caros leitores, *adeptos do “Candomblé (e também os umbandistas)”*. Ao nos depararmos com definições desconexas e baseadas ainda nos conceitos de um dicionário para definir uma crítica, acreditamos ser mais louvável com você, caro leitor, não aprofundarmos no que não estudamos e não emitirmos uma opinião baseada em dicionários de língua portuguesa. Ademais, o autor da obra ainda divaga nas definições dos “*orixás*”, e até os classifica, mas com base em quê? Esta é uma pergunta que não tem resposta, uma vez que não se utiliza de obras destas mesmas crenças espiritualistas para defini-las, restando somente informações sem fontes bibliográficas e informações de terceira mão.

Pois bem, para o crítico, não bastou classificar tais *orixás*, ele os define como sendo cada um deles, “*Xangô, Orixalá ou simplesmente Oxalá, Exu*”. Como antes já o dissemos, não buscaremos em fontes o que são estes “*orixás*” e nem contrapor as definições dadas pelo pastor, pois não é este o nosso objetivo, já que estamos respondendo às críticas levantadas contra a Doutrina Espírita. Salta-nos aos olhos outro ponto neste tópico, é que o crítico se detém a destrinchar no conceito do “*orixá Exu*” que busca novamente num dicionário para defini-lo. Essa não é nossa surpresa, mas a de que ele define o orixá como uma entidade voltada ao mal e que o “*candomblecista elogia Exu, o faz por temer esse perigoso marginal*”. Se não nos bastasse, ele ainda conta um diálogo com *um senhor adepto da “Umbanda”* que disse a ele que “*no seu Terreiro Exu só faz o bem*”. Paira então uma grande interrogação, mas vamos adiante e ele desfecha

o tal diálogo: “se o *Exu* que se manifesta no seu Terreiro de Umbanda **é o mesmo que faz atrocidades nos outros centros espíritas**”. Ficamos até curiosos de saber quais são as atrocidades que este pastor sugere que as entidades que trabalham voluntariamente nas casas de estudos espíritas, uma vez que não há nenhuma legalidade religiosa, nenhum tipo de amuleto, imagens e exigências de prestação de cultos nas casas espíritas por parte dos espíritos que ali trabalham, onde denotam em suas atitudes apenas a caridade e o estudo contínuo da codificação. Ficaremos aguardando que o pastor nos diga quais são estas atrocidades.

Sabemos que a sabedoria popular nos ensina que não devemos jogar pedras no telhado do vizinho, sendo que nossos telhados são de vidro; que por sua vez, nos demonstra que o crítico julga tais crenças espiritualistas como o “*sincretismo do paganismo africano (que os escravos importados da África trouxeram para o Brasil) com as doutrinas da Igreja Católica*”. Parafraseando a sabedoria popular, julgar a crença alheia como uma adaptação pagã de seus conceitos, faz o seu telhado de vidro arrebentar, pois o crítico se esquece que o próprio protestantismo herdou o paganismo greco-romano, tal como de outras filosofias como conhecemos no conceito da Trindade que iremos desenvolvê-la mais adiante.

Ao fim deste tópico, depois do pastor definir os baianos como sendo todos eles descendentes dos negros e praticantes dos cultos africanos, o que respeitamos os que assim procedem, ao citar o “*Candomblé e Umbanda*”, julga ele que se refere:

“aos nomes das instituições espíritas, **mais comuns no Rio de Janeiro**, os cultos afro-brasileiros são conhecidos em outras regiões do Brasil por outros nomes: Catimbó, Pajelança, Pemba”.

Começa com definições dos cultos que ocorrem na Bahia e são mais comuns no Rio de Janeiro. É inusitada esta observação e precisávamos registrá-la que o leitor possa refletir nas afirmações desconstruídas deste pastor. O que nos leva a concluir que ao nos:

“certificar da autenticidade das afirmações constantes deste subtópico, uma é (e talvez a mais objetiva) consultar um bom dicionário, como, por exemplo, o Dicionário Aurélio; para, deste modo, se inteirar dos significados dos seguintes vocábulos: Orixá, Xangô, Orixalá, Oxalá, Candomblé, Quimbanda e Exu;”

A autenticidade deste tópico se faz valer na Codificação de Kardec e se não se encontram tais orixás definidos na codificação, concluímos com as próprias palavras do

pastor que neste t3pico, “*quem estuda*” o Espiritismo “*sabe que o mesmo n3o admite essas divindades*”. Ele mesmo j3 respondeu por si s3!

1.1.2. O Espiritismo Europeu Versus Espiritismo

N3o raro nesta obra, nos deparamos com certa falta de bom senso nos argumentos do pastor que tanto advogou em sua introdu33o que n3o resistiu e nem resistir3 ao exame que estamos empreendendo, neste caso em suas fontes de refer3ncia bibliogr3fica, pois neste t3pico, o cr3tico veio a se basear numa obra de um Frei Cat3lico para julgar o que o movimento esp3rita nem “*todos os esp3ritas s3o reencarnacionistas*”. Para tanto, ele exemplifica sua afirmativa com base numa cita33o; ele ainda justifica dizendo que:

“algumas institui33es esp3ritas, por n3o serem fundamentalistas, n3o se posicionam doutrinariamente, deixando seus adeptos bem 3 vontade”.

Realmente a Doutrina Esp3rita deixa seus adeptos e simpatizantes bem 3 vontade para praticarem o Espiritismo e se lhe convier, permanecerem em suas cren3as religiosas, mesmo sendo estas diferentes da Doutrina Esp3rita. Contudo, ao estudante contumaz do espiritismo, este deve se basear nas obras b3sicas de Kardec, o que as vidas sucessivas servem de elo de compreens3o em diversos pontos que as cren3as dogm3ticas n3o oferecem muitos esclarecimentos. O que nos chama 3 aten33o 3 que os que seguem a codifica33o e tem por base o conceito da reencarna33o, segundo o pastor, s3o fundamentalistas, mas ocorre que o fundamentalismo est3 mais ao lado do pastor do que aos esp3ritas que seguem a codifica33o e possuem um posicionamento doutrin3rio un3ssonos. Entendemos que a posi33o doutrin3ria do Espiritismo 3 pautada nas vidas sucessivas e que constam na codifica33o que nos orienta, deixando os seus estudantes e praticantes da Doutrina Esp3rita 3 vontade quanto a sua linha de racioc3nio, mas o que norteia suas convic33es dever3 ser a codifica33o.

N3o obstante, segundo o pastor, citando o tal frei, diz que no trato da reencarna33o, se “*pronunciam contra*” algumas institui33es esp3ritas fora do Brasil. Para basilar a sua afirmativa, se utiliza o argumento do *Frei Battistini*, que diz em sua obra “*A Igreja do Deus Vivo*”:

“... os esp3ritas da Alemanha, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos, quase em bloco negam a reencarna33o...”.

Antes de adentrarmos na an3lise do pastor, 3 importante salientarmos que ele,

nas linhas acima que já respondemos, julgou a igreja católica como herdeira do paganismo em um sincretismo com as crenças espiritualistas afro-brasileiras. De um lado, alguém que julgou de forma negativa a igreja católica e depois vem se basear na obra de um Frei que exalta a sua igreja para negar a reencarnação. O que nos vai chamar a atenção é justamente a obra do frei não ter nenhuma referência quanto ao trato com a afirmativa de países europeus que negam a reencarnação. O que denota que esta não é mais do que uma opinião sem nenhum fundamento. Cabendo ao pastor utilizar-se de um tiro que sai pela culatra, pois seus argumentos não tem a força que deseja e se baseia numa afirmativa contraditória, cabendo uma crítica ao catolicismo e depois vem se apoiar nele para embasar suas afirmativas. Isto nos demonstra certa falta de bom senso! Não satisfeito, ele vem a nos trazer a seguinte afirmativa em sua conclusão:

“Um famoso espírita, conhecido no mundo todo”, [num] “congresso internacional... sobre espiritismo, disse: ‘posso dizer que a reencarnação tal como tem sido exposta até agora não passa de teoria boba para crianças de escola primária’ (A. Dragon)” (**A Igreja do Deus Vivo**, 33ª edição, 2001, Editora Vozes, Petrópolis /RJ, página 35);

Quem é este espírita famoso? A. Dragon? Quem é este orador espírita que não segue a codificação que entabula as vidas sucessivas dentro de seus ensinamentos basilares do Espiritismo? Se fosse tão renomado orador espírita, logo o conheceríamos, mas neste caso não passa de mais uma fonte bibliográfica sem nenhuma referência.

1.1.3. O Racionalismo Cristão e o Espiritismo

O Pastor empreende uma análise do Racionalismo Cristão e as semelhanças que há com o Espiritismo. Seu equívoco é acreditar que o Racionalismo Cristão é espírita, quando diz que “*embora também seja espírita*”. Contudo, ao ver que há algumas nuances que o diferem com a Doutrina Espírita e até arrisca em citar “*os cultos afro-brasileiros*”, dando-lhes formatos politeístas e asseverando que uma dessas diferenças entre o Racionalismo Cristão e o Espiritismo seja pautada “*quanto ao que ensina sobre Deus*”. É o que investigaremos, se o Racionalismo Cristão é Espírita e o conceito de Deus que possuem de Deus.

Antes, porém, será preciso contextualizar o que é o Racionalismo Cristão dentro da obra que esta própria corrente espiritualista apregoa, a fim de que possamos entendê-la em suas bases históricas e objetivos a que se prezam alcançar e oferecer aos seus adeptos.

O Racionalismo Cristão foi codificado por Luiz de Mattos entre 1910, ano de fundação da Doutrina, e 1914, quando publicou a primeira edição do livro então intitulado *Espiritismo Racional e Científico (christão)*. No período compreendido entre 1915 e 1926, ano do seu falecimento, foram publicadas mais três edições. A denominação original permaneceu até a décima quarta impressão, em 1940. A partir da décima quinta, em 1942, a obra passou a ter o título atual. (MATTOS, Luiz. *Racionalismo Cristão*. Rio de Janeiro: 44.ed. 2010, p. 9, grifo nosso)

Não satisfeito, busca o pastor, no afã de dar embasamento a sua crença, uma citação de citação do ICP, onde diz que:

“Veja estes exemplos: Os kardecistas creem que Deus existe e oram a Ele; os adeptos dos cultos afro-brasileiros são politeístas, pois reverenciam muitas divindades (deuses), a saber, os orixás; mas o Racionalismo Cristão prega que cultuar a Deus é uma atitude tola e ridícula. Confessam textualmente que não adoram a nenhum Deus ('Racionalismo Cristão'. Centro Redentor, 30ª edição, 1976, páginas 53, 55, 63 e 75. Citado em 'Série Apologética', Volume IV, ICP – Instituto Cristão de Pesquisas, edição de 2002, páginas 134 e 137)”;

As hipóteses lançadas pelo pastor sobre o conceito de Deus entre o que está descrito na primeira obra da Codificação, a saber *O Livro dos Espíritos* e o que reza o Racionalismo Cristão na obra de igual título, nos motivou a buscar na fonte da obra citada pelo ICP e utilizada como fonte pelo pastor, a fim de que pudéssemos encontrar a verdade sobre os fatos. Fizemos isto por ser uma citação de citação, onde não nos encontramos seguros para chegarmos a uma conclusão sobre os fatos, mediante o que o pastor apresenta. Julgamos importante este exame, uma vez que em todas as citações de outras obras, as quais não são da agremiação dos críticos, que mais desejam diminuir as convicções alheias, a fim de que as suas sejam sobressaídas, percebemos o nosso compromisso em descortinar para o leitor, o outro lado da moeda, a fim de que possa cada um tirar suas próprias conclusões. Inicialmente, vamos corrigir uma incoerência do pastor, ao dizer que o Racionalismo Cristão é Espírita, mas que sabemos que é uma dissidência da Doutrina Espírita e que se classifica como espiritualista e não espírita. Vejamos as citações diretamente da fonte.

A finalidade deste livro é esclarecer as pessoas, de forma concisa e simples, sobre o significado da vida de um **ponto de vista espiritualista**, explanando princípios, através dos quais possam elas formar uma concepção coerente do Universo e com ele se identificar na contextura de um processo evolucionário. (MATTOS, Luiz. *Racionalismo Cristão*. Rio de Janeiro: 44.ed. 2010, p. 9, grifo nosso)

Não pense o leitor que o Racionalismo Cristão faz, com a publicação deste livro, alguma revelação inédita. Desde a Antiguidade até a era em que vivemos, **o espiritualismo é objeto de estudos de filósofos**, de pesquisadores, de intelectuais, inclusive de mulheres e homens da ciência desejosos de colocar a humanidade a par do que há a respeito da vida espiritual, como o médico brasileiro Antônio Pinheiro Guedes, autor do livro intitulado *Ciência espírita*, um ensaio médico-filosófico que contribuiu, dentre outros estudos de várias escolas filosóficas, na codificação do Racionalismo Cristão. (MATTOS, Luiz. *Racionalismo Cristão*. Rio de Janeiro: 44.ed. 2010, p. 15, grifo nosso)

Percebemos ao vermos a citação da própria obra do Racionalismo Cristão que se denomina como espiritualista, cabendo ao termo espírita ao que conhecemos como Espiritismo. Pois bem, que o pastor possa ser corrigido neste ponto. Passemos ao seguinte, no que se refere ao conceito de Deus. Percebemos que dentro do movimento do Racionalismo Cristão há uma nomenclatura diferenciada para o que entendemos ser Deus, o que para eles é a Força Criadora e que eles a veem de uma forma que difere da visão judaico-cristã que acabou criando através dos séculos um deus a imagem e semelhança da humanidade, ao qual possui desejos e imperfeições meramente humanas. Vejamos.

Nessa codificação de princípios, o Racionalismo Cristão afirma ser o Universo composto de Força e Matéria. A Força – que incita e movimenta todos os corpos (Matéria) – é o princípio inteligente que interpenetra todo o Universo. Esse princípio inteligente é compreendido pela maioria das pessoas como Deus, que o Racionalismo Cristão prefere denominar **Força Criadora**, Grande Foco ou Inteligência Universal, da qual somos uma partícula que contém os mesmos atributos em forma latente, para serem desenvolvidos e aperfeiçoados nas inúmeras existências por que passamos na Terra. (MATTOS, Luiz. *Racionalismo Cristão*. Rio de Janeiro: 44.ed. 2010, p. 15, grifo nosso)

As primeiras edições da obra ao qual estamos examinando do Racionalismo Cristão trazem no capítulo três um esboço do Grande Foco e que nesta quadragésima quarta edição não há tal capítulo e como na internet não encontramos uma fonte mais antiga e fiável para nossas citações, ficaremos com o que a atual edição nos mostra como conceito de Deus que para o Racionalismo Cristão é a Força Criadora, inconcebível para a mente humana e completamente descaracterizada das paixões e desejos humanos, diferentemente do que as crenças materialistas apresentam um deus assaz antropomórfico, o que a contragosto do pastor, o fez ridicularizar o Racionalismo Cristão no tocante ao conceito de Deus, sendo este um expediente comum no fundamentalismo, mas que beira a irresponsabilidade por não compreender sequer uma

linha espiritualista, quiçá o Espiritismo.

1.1.4. A LBV e o Espiritismo

Ao fim desta abordagem sobre as crenças espiritualistas estarem no patamar de igualdade com o Espiritismo, vimos que o pastor se equivocou até o momento, o que não poderia ser diferente neste tópico, ele vem a tecer comentários acerca da LBV (Legião da Boa Vontade) e a similaridade entre ela e o Espiritismo, quando diz que:

“A LBV – Legião da Boa Vontade, fundada oficialmente em 1950 pelo senhor Alziro Zarur, se julga a quarta revelação de Deus (Jesus – A Saga de Alziro Zarur III); e, quanto às supostas três primeiras revelações, não destoa do Kardecismo, no que diz respeito à sequência e quantidade dessas revelações. E aqui, a LBV e o Kardecismo colidem frontalmente. É que, sendo que a tal de terceira revelação é o prometido Consolador como o afirma Kardec, e este veio para ficar com a Igreja ‘para sempre’, como nos assegura Jesus (Jo 14:16), não há lugar para a tal de quarta revelação”.

As nuances que a diferem é que ele cita a obra de Alziro Zarur “*Jesus – A Saga de Alziro Zarur III*” e tenciona na crença de que há a diferença entre o que está contido na Doutrina Espírita que a coloca como a terceira revelação e a LBV que seria a quarta, apontando assim uma aparente contradição. Com isso, nos deparamos com algo inusitado, pois o pastor não retirou este trecho da fonte da obra da LBV, mas da obra **Série Apologética**, ICP – Instituto Cristão de Pesquisas, edição de 2002, Volume I, pois não encontramos nas referências bibliográficas nenhuma obra da LBV. Ou seja, esta citação é uma citação de citação, ou melhor, uma cópia da cópia o que denota que o pastor não pesquisou e muito mesmo estudou as obras da LBV, mas do ICP.

Percebemos que neste ponto em que ao afirmar que a LBV se considera como a quarta revelação, o que não temos como dizer que sim e nem mesmo negar o que ela advoga, por não sermos estudantes de sua doutrina e para tanto, não haveria contradição que se colidem a Doutrina Espírita e a LBV, pois são filosofias distintas, apesar de pontos em comum. O Espiritismo não deverá ser responsabilizado pela LBV se considerar a quarta revelação, uma vez que não há respaldo na codificação espírita tal assertiva. Apesar disso, o pastor vai além:

“considerando que os legionários também veem o Kardecismo como a terceira revelação, já era de se esperar que essas duas seitas convirjam em vários pontos doutrinários”.

Quais pontos? O pastor nos dá uma pista. Vejamos:

A) “São reencarnacionistas”;

Este ponto não determina se uma crença espiritualista e o espiritismo são uníssonos, não sendo exclusivo nem de uma e nem de outra o conceito das vidas sucessivas. Com isso, não há como inferir que a LBV está em igualdade aos postulados do Espiritismo, uma vez que não segue o corpo doutrinário de Kardec e as vidas sucessivas sim são entendimentos espiritualistas e espíritas. Afirmar que a reencarnação se torna uma evidência de similaridade que a faz ser premissa para que todo reencarnacionista seja espírita é assaz ingênuo da parte do pastor.

B) “Negam que a Bíblia é a Palavra de Deus”;

Acreditar que tudo o que há registrado na Bíblia é de origem divina cabe às crenças dogmáticas que a defendem, não sendo para nós espíritas uma regra a ser seguida, pois a própria Bíblia recomenda examinar tudo e reter o que é bom (I Ts 5:21). Se a própria Bíblia recomenda isto numa das falas de um dos maiores divulgadores do Evangelho que foi Paulo de Tarso, percebemos que quem não segue a própria recomendação bíblica é o autor da crítica.

C) “São unitaristas e, portanto, rejeitam a Doutrina da Trindade, isto é, dizem que Jesus não é Deus e que o Espírito Santo não é um ser pessoal, nem tampouco Divino”;

Somos unitaristas, pois entendemos como o judaísmo o Shemá muito conhecido para os hebreus, dizendo que *“Ouve oh Israel, o Senhor é um só!”*. Portanto, somos convencidos dentro do corpo doutrinário de Kardec e no judaísmo que Jesus realmente não é Deus, não há a Trindade uma vez que nem mesmo o Cristianismo nascente houve tal concepção, passando para concílios futuros a ideia da trindade que é mais pagã do que Cristã. Somos impelidos a acreditar de igual forma com o Cristianismo nascente, cabendo aos dogmáticos defenderem o dogma de que Jesus é Deus, a Trindade e que o espírito santo compõe um deus trino que não existe. Já percebemos que há uma mudança no seio protestante sobre esses dogmas e recomendamos o site: www.unitarismobiblico.com, já que demonstra com profundidade que esses dogmas são contestados com muita ênfase, buscando-se a essência da mensagem Cristã. Continuamos a examinar as alegações do pastor:

D) “Não reconhecem a eficácia do sangue de Jesus na purificação de

pecados”;

A Transubstanciação requer muito esforço para reconhecer a liturgia como fonte natural de expiação de pecados por parte do sacrifício de Jesus. Entendemos que o que nos cura e nos livra de nossas imperfeições é a restauração íntima realizada pela experiência individual que atravessa os séculos através das vidas sucessivas. Sustentar este dogma é mais plausível quando se tenta lançar a responsabilidade de nossos atos em cima de Jesus. Uma má interpretação dos profetas e principalmente do livro de Hebreus fez com que houvesse a disseminação deste dogma que é difícil de manter no mundo moderno em que vivemos, cabendo ao crítico condicionar sua salvação na morte expiatória de Jesus, retirando-lhe a total responsabilidade de seus atos em desacordo com a providência divina. Disso não temos dúvida que o plantio é livre, mas a colheita é obrigatória! Assim prossegue o pastor:

E) “Não veem o Diabo como um anjo decaído e irrecuperável”;

Creemos de igual maneira que não há um ser eternamente voltado ao mal e que um dia foi perfeito e se rebelou contra Deus. Esta interpretação é equivocada dentro de Ez 28 e Is 14,12 que levou muitos cristãos a acreditarem numa parábola destinada a queda do rei de Tiro e da Babilônia como se fossem uma alusão a Lúcifer que, diga-se de passagem, é uma palavra proveniente da Vulgata Latina e não consta nos originais hebraicos do Tanah e gregos da Septuaginta. Ainda assim, o pastor diz que:

“(a LBV prega que o Diabo é nosso irmão e que precisamos amá-lo e orar por ele [para se certificar da veracidade desta denúncia, leia o “Poema do Irmão Satanás”, constante de um dos livros da LBV intitulado **“Mensagem de Jesus Para os Sobreviventes”**, páginas 29-31]), etc”.

O tal poema é assaz longo e desnecessário citá-lo, como pudemos verificar, mas uma pequena reflexão, pois se Jesus recomenda a amar nossos inimigos, orar pelos que nos perseguem e retribuir o mal com o bem, tal poema da LBV acaba por ter um certo respaldo. Entendemos que os pontos convergentes do espiritualismo em diversas formas de se expressar convergem em alguns pontos da Doutrina Espírita, ao qual definimos que todo o Espírita é Espiritualista, mas nem todo Espiritualista é Espírita, pois deverá seguir não as obras básicas do Espiritismo, mas os fundamentos de Kardec, exarados nas obras da Codificação e em seu ensaio nas Revistas Espíritas, negligenciadas na pesquisa do pastor. Ainda assim, para o pastor, *os “legionários da boa vontade têm muitos pontos em comum com os kardecistas, mas não podemos*

confundir os kardecistas com eles, pois não o são”, ao qual corrobora nossa tese já apresentada.

Não é de admirar que a segregação que o próprio pastor cria para si e seus fiéis leitores e ovelhas de seu rebanho pastoral, acaba por fundamentar uma muralha de preconceito e considera o seu próximo como sectário, ao entabular que:

“os adeptos dessa seita (refiro-me à LBV) creem que estão na quarta revelação de Deus, para enxergarmos que não são kardecistas”.

O que advoga o direito de considerar que os outros que não pensam como ele é que são sectários, sendo que ele mesmo não enxerga sua posição e não respeita quem não pensa de acordo com os seus dogmas pré-estabelecidos. Continua o pastor a dizer que:

“Outra relevante diferença entre os kardecistas e os legionários da boa vontade é que aqueles crêem que o Consolador que Jesus nos prometeu é o Kardecismo, enquanto estes pregam que o Consolador é o senhor José de Paiva Neto, atual sucessor de Alziro Zarur na presidência dessa seita (Cf.: ‘Saga de Alziro Zarur’, José de Paiva Neto, 10ª edição, página 88)”.

Mais uma vez um comportamento sectário do pastor e como já deixamos bem claro que o Espiritismo por ser o Consolador, não se responsabiliza por quaisquer outras filosofias espiritualistas e suas alegações. Os pontos doutrinários que enxergamos haver na Doutrina Espírita não a secularizam e nem a separam as demais crenças, antes as envolve, esclarece e direciona para o bem comum que não a nomina como a religião do futuro, mas fundamenta que será o futuro das religiões, abraçando-as como irmãs, como já disse o filósofo espírita Leon Denis, já que seremos conhecidos por muito nos amarmos, não em quais pontos doutrinários acreditamos. Pois bem, se alguém está feliz com a crença católica, protestante, budista, espiritualista, que continue com sua crença, mesmo que se simpatize com a Doutrina Espírita. Contudo, para o pastor, diante dos exemplos que comentamos, há uma *“grande diversidade de correntes dentro do Espiritismo”*. Para ele tudo emana do Espiritismo como sendo uma de suas ramificações a Umbanda, Candomblé, Racionalismo Cristão, LBV, etc. Não é bem assim, é preciso corrigi-lo e dizer-lhe que respeitamos tais crenças e que não é parte do Espiritismo, mas do Espiritualismo que já esclarecemos. Uma curiosa afirmativa do pastor nos chama a atenção, pois para ele:

“uma pequena demonstração, certamente deixam claro que embora

todos os verdadeiros cristãos sabemos que nenhuma das confissões espíritas goza da sanção do Rei dos reis, não deixam dúvida de que revela falta de conhecimento confundir os kardecistas com os macumbeiros e demais espíritas”.

Primeiro ele advoga para seus adeptos o estandarte de verdadeiros Cristãos e até atribui a Jesus a autoridade de usar o seu nome em querer sancionar algo que nem mesmo Jesus o fez enquanto em sua missão como Judeu. Jesus não segregou ninguém, antes usou em suas parábolas as pessoas marginalizadas pela sociedade de sua época, para deixar exposto que o que importava eram suas atitudes e não suas convicções perante a sociedade.

Para o tal pastor, todas as crenças espiritualistas estão num mesmo pacote de crenças, tal como uma matriz que é o Espiritismo. Contudo, o que demonstramos é que há somente a Doutrina Espírita e as demais filosofias espiritualistas têm suas particularidades que as distinguem entre si. Com este comportamento do pastor, no sentido pejorativo de seus preconceitos, embora equivocados, são completamente discriminatórios o julgamento com as culturas espiritualistas de origem afro, ao qual respeitamos profundamente. Ele conclui este raciocínio corroborando o que corrigimos, quando diz que:

“nenhuma das seitas espíritas pode ser confundida com as demais, pois cada uma, de per si, difere das outras, apesar de, em termos espirituais, serem tudo farinha do mesmo saco”.

Para ele é farinha do mesmo saco, mas tem caroço neste angu e foi o que demonstramos não haver nenhuma base para o pastor afirmar que todas as crenças espiritualistas são espíritas. Respeitamos todas as correntes espiritualistas, mas há nuances que o pastor ignorou por desconhecimento do que é o Espiritismo e suas particularidades. Seria o mesmo que afirmar o que para ele todas as crenças protestantes são farinha do mesmo saco, ao qual sabemos haver dentro do protestantismo, correntes que não são aceitas no seio evangélico. Para encerrar este tópico com chave de ouro, o pastor diz que:

“não obstante os tão conhecidos termos ‘Baixo Espiritismo’ e ‘Alto Espiritismo’ serem apenas classificações humanas, são, contudo, necessários para fins de estudo, pois fazem saltar à vista que não é tudo igual, como geralmente pensam muitos dos que ainda não se deram ao trabalho de pesquisar as religiões e suas respectivas seitas”.

O que até pesquisamos a Codificação de Kardec onde se encontram os termos

Baixo Espiritismo e Alto Espiritismo. Não encontramos a referência dessa classificação que ao que parece deve ter surgido no seio evangélico para aqueles que acreditam conhecer o Espiritualismo e o Espiritismo a fundo, mas que num exame apurado, percebemos que estão à margem do conhecimento que a Doutrina Espírita outorga para os seus estudantes e pesquisadores, cabendo aos incautos afirmativas como esta, determinando que estão bem à superfície do que está contido na Codificação que julgam conhecê-la. Portanto, concluímos que não há Baixo Espiritismo e nem muito mesmo Alto Espiritismo.

1.2. É justo criticar o Espiritismo?

Neste ponto da argumentação do pastor, ao qual nos propusemos a fazer importantes correções em suas premissas anteriormente, este intenta em nos afirmar que tem *“pelo menos quatro razões para responder positivamente a esta pergunta”*. Ou seja, baseado em suas convicções e preconceitos completamente distorcidos do que é realmente o Espiritismo e o que se diferencia do Espiritualismo, encontramos suas justificativas em apoio à autoridade que ele encontrou para julgar a Doutrina Espírita. Vejamos:

A) “A crítica construtiva é uma demonstração de amor, o que, por si só justifica a sua procedência e lhe dá o direito de, pelo menos, ser apreciada;”

A crítica para ser construtiva deve ser pautada no respeito a todas as crenças e logo no início deste livro nos deparamos com um ranço de preconceito por parte do pastor para com as crenças espiritualistas e a Doutrina Espírita. O que nos move a responder toda a obra ao qual se empreendeu o crítico em difamar o Espiritismo, a fim de que sua crença de sobressaia, pois ao qual vemos, parte de um expediente comum nos dias atuais como se houvessem porta-vozes de Deus no povo que outorgasse a alguns o direito de difamar as correntes filosóficas, científicas e morais que não corroboram com suas premissas. Não vemos amor algum nesta atitude e nos propusemos a pesquisar o conteúdo deste livro e dar-lhe uma resposta. Mas o pastor prossegue, vejamos:

B) “Todos os cristãos autênticos têm o dever de lutar com todas as suas forças em prol da salvação de todo aquele que desconhece o poder do sangue de Jesus (Rm 1.14).”

Este comportamento de que os cristãos protestantes se revestem de uma armadura da justiça e a espada de fé que professam, às vezes os cegam, pois como

temos observado, começam uma guerra santa, num movimento totalmente separatista e colocam suas crenças e convicções acima de todas as outras, tendo como base suas interpretações bíblicas, tal como se fossem as mais corretas. Tendemos a acreditar que eles vêm somente um lado do prisma, deixando todo o restante que sua visão não alcança, ao sabor de uma percepção que não concordam. Julgam-na como se fossem falsas e que seu pequeno e restrito entendimento reflete a verdade absoluta. Não nos julgamos neste patamar, pois o conhecimento absoluto é reservado a Deus, onde também temos uma visão relativa, mas as Escrituras têm quatro níveis de entendimento, sendo eles o nível pessach (literal), remé (parábolas), midrash (profecia) e sod (oculto). Muitas das vezes ficamos somente no primeiro e segundo níveis com acessos restritos, por vezes, ao terceiro e quarto nível. Nesta nossa proposta de resposta ao pastor, intentaremos em buscar o nível mais profundo de entendimento das Escrituras. Esclarecido este ponto, passemos então ao terceiro ponto de sua crítica, ao qual o pastor define:

C) “Neste livro, nem sempre uso o vocábulo ‘crítica’ na sua moderna, popular e picante definição de ‘retaliação’ ou ‘malhação da vida alheia’. Antes o uso também na sua conceituação etimológica. Como bem observou a Dr^a em Filosofia, Marilena Chauí, ‘Em geral julgamos que a palavra ‘crítica’ significa ser do contra, dizer que tudo vai mal, que tudo está errado, que tudo é feio ou desagradável. Crítica é mau humor, coisa de gente chata ou pretensiosa que acha que sabe mais que os outros. Mas não é isso que essa palavra quer dizer. A palavra ‘crítica’ vem do grego e possui três sentidos principais: **1) capacidade para julgar, discernir e decidir corretamente; 2) exame racional de todas as coisas sem preconceito e sem préjulgamento; 3) atividade de examinar e avaliar detalhadamente uma idéia, um valor, um costume, um comportamento, uma obra artística ou científica’...** (Convite à Filosofia, Editora Ática. 13^a edição, 1^a impressão, São Paulo /SP, página 18, 2003).” (grifo nosso)

Fizemos a questão de salientar a citação do pastor nos três aspectos que se fundamentou para criticar e buscar justificava de suas análises sobre a Doutrina Espírita. O primeiro deles coloca toda a pessoa capaz de criticar tudo o que lhe aprouver, mas é preciso um conhecimento de causa, uma pesquisa em todos os seus detalhes e nuances importantes para dar-lhe autoridade de sua crítica. Contudo, logo em nossa introdução já colocamos os argumentos do pastor em xeque, pois encontramos obras sobre o Espiritismo que ele negligenciou. Ou seja, não conhecia o todo, mas apenas uma parte, o que o coloca de forma inábil em julgar aquilo que desconhece em profundidade. Contudo, já no segundo item proposto pela autora Dra. Marilena Chauí,

encontramos uma base de exame racional, mas com uma condição que nos parece sobressaltar aos olhos perspicazes, não que o pastor seja irracional, mas que logo de início o coloca como não participante deste exame racional que empreendeu em sua obra, já que deixou exarado seu preconceito e um prejulgamento diante de suas convicções que o colocam à margem da proposta pedagógica do Espiritismo. Já no terceiro ponto, a crítica se reveste de um exame detalhado e neste intento, faltou ao pastor uma coletânea de importantes obras sobre a Doutrina Espírita que não permitem a sua análise pautada numa crítica a que se deve ser isenta, imparcial e desprovida do preconceito, com conhecimento de causa. Ainda assim, o pastor prossegue em sua crítica:

D) “O próprio Allan Kardec reconheceu o direito de expressão que deve ser assegurado ao indivíduo, porquanto ele também criticava àqueles de quem ele discordava; e com a agravante de às vezes criticar preconceituosamente, isto é, sem conhecimento de causa, qualificando-se pois, como indigno de crédito, já que ele não era um crítico no sentido etimológico desta palavra. Ele era, pois, um crítico entre aspas. Sim, leitor, verdadeiramente Kardec também criticava àqueles de quem ele discordava;”

Diante da máxima que Jesus nos ensina que “não julgueis para não serdes julgados com o mesmo peso e medida em que julgares”, cabe perfeitamente à proposta do pastor, pois colocou Kardec como uma pessoa desprovida de bom senso para em sua época observar o positivismo europeu, o materialismo, a religião desprovida de base lógica e de materialistas que na finitude da vida buscavam seu significado para as respostas que a vida exige muito mais do que podiam oferecer. Com este aparato, Kardec, um pedagogo e cientista, não chegou aos fenômenos espíritas como um crente, mas como um pesquisador e incrédulo aos fenômenos, a colocar em suas pesquisas o senso crítico, ao qual o que vemos fazer parte de um expediente que coloca o pastor como um ‘crítico’, devolvendo-lhe o julgamento que fez a Kardec, ao passo que nos move a recomenda-lhe um maior estudo do Espiritismo e suas nuances, com proposta a derrubar a ceticismo, desvelar o véu lançado pela religião ainda obscurecida nos dogmas e proporcionarmos uma fé inabalável, capaz de nos fundamentar na filosofia, ciência e moral espírita. Contudo, dentro deste item, propõe o pastor *que “as citações das provas documentais de que realmente as coisas são assim”*, a fim de fundamentar as suas premissas. Vejamos:

a) Críticas à Igreja Católica:

• **Primeira crítica:** “A Igreja tem caminhado sempre erradamente, não

levando em conta os progressos da ciência” (O Céu e o Inferno, Federação Espírita Brasileira: 38ª edição, capítulo 9, nº 9, página 123);

Esta passagem citada pelo pastor encontra-se numa narrativa de Kardec na primeira parte, no capítulo 9, item 7 e seguintes da obra **O Céu e o Inferno** que trata: *Os demônios segundo a igreja*, assim está em sua completude, sem inserir todo o trecho, tendo em vista que voltaremos a este tema mais adiante:

3ª- As palavras atribuídas a Lúcifer revelam uma ignorância admirável num arcanjo que, por sua natureza e grau atingido, não deve participar, quanto à organização do Universo, dos erros e dos prejuízos que os homens têm professado, até serem pela Ciência esclarecidos. Como poderia, então, dizer que fixaria residência acima dos astros, dominando as mais elevadas nuvens?!

É sempre a velha crença da Terra como centro do Universo, do céu como que formado de nuvens estendendo-se às estrelas, e da limitada região destas, que a Astronomia nos mostra disseminadas ao infinito no infinito espaço! Sabendo-se, como hoje se sabe, que as nuvens não se elevam a mais de duas léguas da superfície terráquea, e falando-se em dominá-las por mais alto, referindo-se a montanhas, preciso fora que a observação partisse da Terra, sendo ela, de fato, a morada dos anjos. Dado, porém, ser esta em região superior, inútil fora alçar-se acima das nuvens. Emprestar aos anjos uma linguagem tisonada de ignorância, é confessar que os homens contemporâneos são mais sábios que os anjos. **A Igreja tem caminhado sempre erradamente, não levando em conta os progressos da Ciência.** (KARDEC, A. 1995, pp. 122-123, grifo nosso)

O que Kardec entabula em seu conceito acerca da visão científica do escriba desta passagem de Lúcifer (Is 14,12) é justamente a visão geocêntrica da Terra com as nuvens passando os astros, e estes fixados na abóboda celestes, fossem a morada de Deus, e que Lúcifer queria estar acima de Deus, Uma visão assaz limitada e que o pastor deve compartilhar com ela, uma vez que a defende neste ponto e o que Kardec faz é justamente colocar a Astronomia acima de conceitos já ultrapassados da visão geocêntrica exaradas nas Escrituras. Sobre Lúcifer, voltaremos a este assunto mais adiante. Vejamos a segunda colocação do pastor:

• **Segunda crítica:**“... Deus a julgou e a reconheceu inapta... a Doutrina Espírita causará dor viva ao papado...” (**Obras Póstumas**, Federação Espírita Brasileira: 26ª edição, páginas 310 e 311);

Nesta segunda parte, o pastor cita uma frase da mensagem, onde ele atribui erradamente a Kardec, mas que num exame apurado da codificação, é do *“Espírito de*

E.” que os leitores poderão conferir ao final, ocorrida em 30 de setembro de 1863, contida na segunda parte da codificação **Obras Póstumas**, Vejamo-la na íntegra:

Paris, 30 de setembro de 1863

(*Médium: Sr. d’A...*)

A IGREJA

Eis-te de volta, meu amigo, e não perdeste o teu tempo. À obra ainda, pois não deves deixar se enferruja a tua bigorna. Forja, forja armas bem temperadas; repousa do trabalho feito, empreendendo trabalhos mais difíceis. Todos os elementos serão postos ao teu alcance, à medida que for necessário.

É chegada a hora em que a Igreja tem de prestar contas do depósito que lhe foi confiado, da maneira por que pratica os ensinamentos do Cristo, do uso que fez da sua autoridade, enfim, do estado de incredulidade a que levou os espíritos. A hora é vinda em que ela tem de dar a César o que é de César e de assumir a responsabilidade de todos os seus atos. **Deus a julgou, e a reconheceu inapta**, daqui por diante, para a missão de progresso que incumbe a toda autoridade espiritual. Somente por meio de uma transformação absoluta lhe seria possível viver; mas, resignar-se-á ela a essa transformação? Não, pois que, então, já não seria a Igreja; para assimilar as verdades e as descobertas da Ciência, teria de renunciar aos dogmas que lhe servem de fundamentos; para volver à prática rigorosa dos preceitos do Evangelho, teria de renunciar ao poder, à dominação, de trocar o fausto e a púrpura pela simplicidade e a humildade apostólicas. Ela se acha nesta alternativa: ou se suicida, transformando-se; ou sucumbe nas garras do progresso, se permanecer estacionária.

Aliás, Roma já se mostra cheia de ansiedade e na Cidade Eterna se sabe, por inegáveis revelações, que **a Doutrina Espírita causará dor viva ao papado**, porque na Itália se prepara rigorosamente a cisma. Não é, pois, de espantar o encarniçamento com que o clero se lança ao combate contra o Espiritismo, impelido pelo instinto de conservação. Ele, porém, já verificou que suas armas se embotam contra essa potência que surge; seus argumentos não têm podido resistir à lógica inflexível; só lhe resta o demônio, mísero auxiliar seu no século XIX.

Ao demais, a luta está aberta entre a Igreja e o progresso, mais do que entre ela e o Espiritismo. Ela é batida em toda a linha pelo progresso geral das ideias e sucumbirá sob os seus golpes, como tudo quanto sai fora do seu nível. A marcha rápida das coisas há de fazer-vos pressentir que o desenlace não demorará muito tempo. A própria Igreja parece compelida fatalmente a precipitá-lo.

Espírito de E.

(KARDEC, A. 2005, pp. 375-376, grifo nosso)

Após a citação das frases isoladas pelo pastor com a mensagem na íntegra, coloca-nos seu intento que a Igreja é inapta ao desenvolvimento de acompanhar a ciência, devido ao seu apego aos dogmas que mais causaram incredulidade, do que fortalecimento da fé. Outrossim, na outra frase isolada resume que a Doutrina Espírita causará dor ao papado por este não estar apto ao progresso científico, o que entendemos que pastor também se enquadra neste aspecto, devido ao seu apego aos dogmas já ultrapassados. Vamos, portanto ao outro ponto aventado pelo pastor:

b) Crítica ao apóstolo Paulo:

“Todos os escritos posteriores, sem exclusão dos de S. Paulo, são apenas... **opiniões pessoais**, muitas vezes contraditórias...” (**Obras Póstumas**, Federação Espírita Brasileira: 26ª edição, páginas 121-122. Grifo meu).

Esta segunda citação do pastor, encontra-se na primeira parte de **Obras Póstumas** que trata de um *Estudo sobre a natureza do Cristo*, constante na mensagem integral que nos diz acerca das *Fontes das provas sobre a natureza do Cristo*. Vejamo-la na íntegra:

§ I — FONTES DAS PROVAS SOBRE A NATUREZA DO CRISTO

A questão da natureza do Cristo foi debatida desde os primeiros séculos do Cristianismo e pode-se dizer que ainda não se acha solucionada, pois que continua a ser objeto de discussão. Foi a divergência das opiniões sobre este ponto que deu origem à maioria das seitas que dividiram a Igreja há dezoito séculos, sendo de notar-se que todos os chefes dessas seitas foram bispos ou membros titulados do clero. Eram, por conseguinte, homens esclarecidos, muitos deles escritores de talento, abalizados na ciência teológica, que não achavam concludentes as razões invocadas a favor do dogma da divindade do Cristo. Entretanto, como hoje, as opiniões se firmaram mais sobre abstrações do que sobre fatos. Sobretudo, o que se procurou foi saber o que o dogma continha de plausível, ou de irracional, deixando-se, geralmente, de um lado e de outro, de assinalar os fatos capazes de lançar sobre a questão uma luz decisiva.

Mas, onde encontrar esses fatos, senão nos atos e nas palavras de Jesus?

Nada tendo Ele escrito, seus únicos historiadores foram os apóstolos que, tampouco escreveram coisa alguma quando o Cristo ainda vivia. Nenhum historiador profano, seu contemporâneo, havendo falado a seu respeito nenhum documento mais existe, além dos Evangelhos, sobre a sua vida e a sua doutrina. Aí somente é que se há de procurar a chave do problema. **Todos os escritos posteriores, sem exclusão dos de S.**

Paulo, são apenas, e não podem deixar de ser, simples comentários ou apreciações, reflexos de **opiniões pessoais, muitas vezes contraditórias**, que, em caso algum, poderiam ter a autoridade da narrativa dos que receberam diretamente do Mestre as instruções. Sobre esta questão, como sobre as de todos os dogmas, em geral, o acordo entre os Pais da Igreja e outros escritores sacros não seria de invocar-se como argumento preponderante, nem como prova irrecusável a favor da opinião de uns e outros, uma vez que nenhum deles citou um só fato, fora do Evangelho, concernente a Jesus; que nenhum deles descobriu documentos novos que seus predecessores desconhecêssem.

Os autores sacros nada mais conseguiram do que girar dentro do mesmo círculo, produzindo apreciações pessoais, deduzindo corolários acordamente com seus pontos de vista, comentando sob novas formas e com maior ou menor desenvolvimento as opiniões contrárias às suas. Pertencendo ao mesmo partido, tiveram todos de escrever no mesmo sentido, senão nos mesmos termos, sob pena de serem declarados heréticos, como o foram Orígenes e tantos mais. Naturalmente, a Igreja só incluiu no número dos seus Pais os escritores ortodoxos, do seu ponto de vista; somente exalçou, santificou e colecionou aqueles que lhe tomaram a defesa, ao passo que repudiou os outros e lhes destruiu quanto pôde os escritos. Nada, pois, de concludente exprime o acordo dos Pais da Igreja, visto que formam uma unanimidade arranjada a dedo, mediante a eliminação dos elementos contrários. Se se fizesse um confronto de tudo que foi escrito pró e contra, difícil se tornaria dizer para que lado se inclinaria a balança.

Isto nada tira ao mérito pessoal dos sustentadores da ortodoxia, nem ao valor que demonstraram como escritores e homens conscienciosos. Sendo advogados de uma mesma causa e defendendo-a com incontestável talento, haviam forçosamente de adotar as mesmas conclusões. Longe de intentarmos apontá-los no que quer que fosse, apenas quisemos refutar o valor das consequências que se pretende tirar do acordo de suas opiniões. No exame, que vamos fazer, da questão da divindade do Cristo, pondo de lado as sutilezas da escolástica, que unicamente serviram para tudo embaralhar sem esclarecer coisa alguma, apoiar-nos-emos exclusivamente nos fatos que ressaltam do texto do Evangelho e que, examinados friamente, conscienciosamente e sem espírito de partido, superabundantemente facultam todos os meios de convicção que se possam desejar.

Ora, entre esses fatos, outros não há mais preponderantes, nem mais concludentes, do que as próprias palavras do Cristo, palavras que ninguém poderá refutar, sem infirmar a veracidade dos apóstolos. Pode-se interpretar de diferentes maneiras uma parábola, uma alegoria; mas, afirmações precisas, sem ambiguidades, repetidas cem vezes, não poderiam ter duplo sentido. Ninguém pode pretender saber melhor do que Jesus o que ele quis dizer, como ninguém pode pretender estar mais bem informado do que ele sobre a sua própria natureza. Desde que ele comenta suas palavras e as explica para evitar todo equívoco, é a ele

que devemos recorrer, a menos lhe neguemos a superioridade que lhe é atribuída e nos sobreponhamos à sua própria inteligência. Se ele foi obscuro em certos pontos, por usar de linguagem figurada, no que concerne à sua pessoa não há equívoco possível. Antes de examinar as palavras, vejamos os atos. (KARDEC, A. 2005, pp. 147-150, grifo nosso)

Curiosamente, é expediente do pastor e demais detratores, citarem frases isoladas das reflexões de Kardec, que neste caso destacamos, passando aos seus leitores a impressão de que Kardec estivesse criticando, ou mesmo combatendo os escritos apostólicos em detrimento da Doutrina Espírita, quando realmente ocorre justamente o contrário, pois Kardec, ao desenvolver a superioridade de Jesus, recorre às fontes nos Evangelhos e epístolas dos seus apóstolos e discípulos que são as únicas fontes que nos dizem respeito aos atos de Jesus e seus ensinamentos de sua doutrina e que, embora fossem opiniões pessoais de seus seguidores e continuadores, sobre suas impressões na convivência com Jesus, testificando a complexidade de desenvolvermos juízo de valor à essência do Mestre, mesmo a posteriori com os Pais da Igreja, onde a Igreja tomou parte apenas de 47 volumes da Patrística, concomitantemente às suas ideias e corpo de doutrina, o que facilita a compreensão do pensamento de Kardec quando diz ser perfeitamente justificável como a igreja deificou Jesus, É isto o que Kardec nos explica com tamanha maestria e o pastor ignorou tal fato, pois para ele, Jesus é Deus, ou seja, uma outra opinião pessoal sem nenhum respaldo! Com isso, vamos ao terceiro ponto aventado pelo pastor:

c) Crítica aos materialistas:

“... o materialismo...” [é] “um incentivo para o mal...” (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Federação Espírita Brasileira: 109ª edição, Páginas 47 e 48).

Nesta terceira citação do pastor, de duas frases isoladas e desconexas, passa aos seus leitores de que o materialismo é um incentivo ao mal, mas quando vemos o trecho completo da obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, na introdução, item 9. Vejamo-la:

IX. Se a morte fosse a dissolução completa do homem, muito ganhariam com a morte os maus, pois se veriam livres, ao mesmo tempo, do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que guarnecer a alma, não de ornatos estranhos, mas com os que lhe são próprios, só esse poderá aguardar tranquilamente a hora da sua partida para o outro mundo.

Equivale isso a dizer que o materialismo, com o proclamar para depois

da morte o nada, anula toda responsabilidade moral ulterior, sendo, conseqüentemente, um incentivo para o mal; que o mau tem tudo a ganhar do nada. Somente o homem que se despojou dos vícios e se enriqueceu de virtudes, pode esperar com tranquilidade o despertar na outra vida. Por meio de exemplos, que todos os dias nos apresenta, o Espiritismo mostra quão penoso é, para o mau, o passar desta à outra vida, a entrada na vida futura. (*O Céu e o Inferno*, 2ª Parte, cap. 1.) (KARDEC, A. 1996, pp. 47-48, grifo no original e sublinhado nosso)

Após a citação completa e o trecho sublinhado pelo pastor em sua citação original, vemos o despreparo dele e até mesmo dos detratores do espiritismo, no trato com as elucubrações de Kardec e das mensagens dos espíritos. Neste intento, Kardec na mensagem original critica o nada como existência após a morte, não havendo, com isso, responsabilidade pelos atos viciosos daqueles que ignoram a vida após a morte, sendo a sobrevivência do espírito uma alegação falsa para os materialistas, coloca-nos em pé de igualdade daqueles que desenvolvem suas virtudes, e nada deveriam esperar após a morte, pois a finitude da vida material é a única alternativa, disseminando assim a prática do mal que não haveria a devida responsabilidade de seus atos, àqueles que a praticassem. Agora fica um ponto de dúvida, o pastor concorda com a defesa materialista do nada após a morte, e a conseqüente prática do mal sem a responsabilização dos atos? Deixaremos ele e seus leitores com esta pulga atrás da orelha e passemos ao último ponto deste tópico. Vejamo-lo:

c) Crítica aos evangélicos:

Allan Kardec refuta os evangélicos, por não rezarmos pelos mortos, tachando-nos de ignorantes, nestes termos: “Certas pessoas não admitem a prece pelos mortos... Há neste modo de pensar uma ignorância da lei divina...”. (**A Prece Segundo o Evangelho**. Federação Espírita Brasileira: 44ª edição, páginas 58-59).

Esta última citação encontra-se no capítulo 1 *Pedi e Obtereis*, no trato com o assunto *Da prece pelos mortos e pelos espíritos sofredores*, na obra **[A prece segundo o Evangelho](#)**. Vejamos na íntegra:

DA PRECE PELOS MORTOS E PELOS ESPÍRITOS SOFREDORES

18. Os Espíritos sofredores reclamam as preces. Estas lhes são úteis porque lhes mostram que neles se pensa e isso basta para que se sintam menos abandonados, menos desgraçados. Mais direta ação tem ainda sobre tais Espíritos a prece: reanima-lhes a coragem, excita-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação, e chega mesmo

a impedir que pensem no mal. Neste sentido, as preces logram, não só lhes aliviar, mas também abreviar os sofrimentos. (Vede o livro de Allan Kardec, *O Céu e o Inferno*, 2.^a Parte, «Exemplos».)

19. **Certas pessoas (1) não admitem a prece pelos mortos** porque, segundo a crença que professam, duas unicamente são, para a alma, as alternativas: salvar-se ou ser condenada às penas eternas, sendo inútil a prece, num caso e noutro. Sem discutir o valor dessa crença, admitamos, por um instante, a realidade das penas eternas e irremissíveis, e admitamos, também, que as nossas preces sejam impotentes para lhes pôr termo. Dada essa hipótese, perguntamos: será lógico, será caridoso, será cristão rejeitar a prece pelos réprobos? Por impotentes que fossem para libertá-los, as preces não seriam para eles uma demonstração de piedade, capaz de lhes amenizar os sofrimentos?

Quando, na Terra, um homem é condenado à galé perpétua, embora não haja a menor esperança de se obter para ele o perdão, seria defeso a uma pessoa caritativa ir carregar com ele as correntes que o algemam, a fim de aliviá-lo do peso delas? Quando alguém é atacado de um mal incurável, ser-nos-á lícito, por não haver para ele nenhuma esperança de cura, abandoná-lo, sem que procuremos dar-lhe algum alívio? Lembremo-nos de que entre os réprobos pode encontrar-se alguém que nos seja caro, um amigo, talvez um pai, mãe ou um filho, e digamos se, pelo fato de não podermos esperar haja perdão para ele, lhe recusaríamos um copo d'água para lhe matar a sede, um bálsamo que lhe cure as chagas? Não sereis capazes de fazer por ele o que faríeis por um galé? Não, isso não seria cristão. Uma crença que petrifica o coração não se pode aliar com a de um Deus que, em primeiro lugar, coloca, no rol dos deveres da criatura, o amor ao próximo.

O não admitir a eternidade das penas, não implica a negação de uma penalidade temporária, porquanto Deus, na sua justiça, não pode confundir o bem com o mal. Ora, negar, neste caso, a eficácia da prece, fora negar a eficácia do consolo, fora negar que haurimos forças na assistência moral dos que nos querem bem.

20. Outros se fundam em razão mais especiosa: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus, dizem esses, não pode mudar suas decisões porque lho peçam as criaturas; não fosse assim, e o mundo careceria de estabilidade. O homem nada tem, pois, que pedir a Deus; só tem que se submeter e adorá-lo.

Há neste modo de pensar uma falsa aplicação da imutabilidade da lei divina, ou melhor — **ignorância da lei**, no que respeita à penalidade futura. Essa lei os Espíritos do Senhor a revelaram agora, quando o homem já se acha suficientemente maduro para compreender o que, na fé, está conforme ou contrário aos atributos divinos.

Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, em nenhuma conta são tidos o pesar e o arrependimento do culpado. Supérfluo lhe é qualquer desejo de se tornar melhor, uma vez que está condenado a

permanecer no mal perpetuamente. Se foi condenado por limitado tempo, a pena cessará quando expirar o prazo da condenação. Mas quem nos diz que, ao se verificar isto, não sejam mais acentuadas as suas disposições para melhorar? Quem nos diz que, a exemplo do que ocorre com muitos condenados da Terra, ao sair da prisão ele não se conserve tão mal quanto antes? No primeiro caso, seria aumentar o castigo continuar a afligir um homem que se converte ao bem; no segundo, seria conceder a graça a um que permaneceu culpado. A lei de Deus é mais previdente do que isso. Sempre justa, equitativa e misericordiosa, ela não prefixa duração à pena, seja qual for, e se resume assim:

21. «O homem sofre sempre a consequência de suas faltas. Nem uma só infração da lei de Deus deixa de ter adequada punição.

«A severidade do castigo é proporcionada à gravidade da falta.

«A duração do castigo de uma falta qualquer é *indeterminada, depende do arrependimento do culpado e da volta ao caminho do bem*. A pena dura tanto quanto a obstinação no mal. É de curta duração se pronto é o arrependimento.

«Desde que o culpado brade: Misericórdia! Deus o ouve e lhe manda a esperança. Mas não basta que o culpado apenas deplore o mal que fez; é necessária a reparação. Daí vem o ser submetido a novas provas, em que pode, sempre por sua livre vontade, praticar o bem, reparando o mal que haja feito.

«Assim, o homem é, constantemente, o árbitro da sua própria sorte. Pode abreviar o suplício ou prolongá-lo indefinidamente. Sua felicidade ou desgraça dependem da vontade que tenha de fazer o bem.»

Tal é a lei, lei *imutável* e conforme à bondade e à justiça de Deus.

O Espírito culpado e desgraçado pode, pois, salvar-se por si mesmo; a lei de Deus lhe diz em que condições o conseguirá. O que mais amiúde lhe falta é à vontade, a força, a coragem. Ora, se, por nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e animamos; se, pelos nossos conselhos, lhe damos as luzes de que carece, *em lugar de pedir a Deus que derogue sua lei, nós nos tornamos instrumentos da execução da lei de amor e de caridade*, da qual permite Ele, participemos, dando nós mesmos, com isso, uma prova de caridade. (Vede: *O Céu e o Inferno*, citado, 1.^a Parte, caps. VI, VII, VIII.)

(1) Os protestantes.

(KARDEC, A. 1944, pp. 57-61, grifo nosso)

Foi preciso citar todo o capítulo da citada obra ao qual se refere o pastor, devido ao fato da grande colcha de retalhos por ele montada, tendo em vista passar também a verdadeira ideia a ser transmitida por Kardec. Inicialmente o pastor cita uma frase inicial do item 19 da obra de Kardec, referindo-se a citação específica dos evangélicos, o que

até aí tudo bem, Kardec realmente cita os evangélicos, o problema reside no desenvolvimento da prece a ser exercida aos mortos e espíritos sofredores, ou seja, os espíritos desencarnados em estado de sofrimento, o que denota na segunda mensagem que os evangélicos são ignorantes quanto ao trato com a lei divina, por não realizarem preces aos espíritos sofredores e nem tampouco aos mortos, que é o objetivo do capítulo citado por Kardec, o que com maestria Kardec lança uma pá de cal nos que, em geral, acreditam na eternidade das penas para os espíritos infratores para erros completamente finitos, não cabendo uma remissão por eles em hipótese alguma, após o desencarne, ou comumente após a morte. Contudo, vamos a segunda frase citada pelo pastor e verificar seus argumentos, contida no segundo parágrafo do item 20 do mesmo capítulo ao qual reproduzimos na íntegra:

Há neste modo de pensar uma falsa aplicação da imutabilidade da lei divina, ou melhor — **ignorância da lei**, no que respeita à penalidade futura. Essa lei os Espíritos do Senhor a revelaram agora, quando o homem já se acha suficientemente maduro para compreender o que, na fé, está conforme ou contrário aos atributos divinos. (KARDEC, A. 1944, p. 59, grifo nosso)

Agora, o leitor atento perceberá a citação do pastor: “*Há neste modo de pensar uma ignorância da lei divina*” e o parágrafo onde contém o pensamento de Kardec, juntamente em destaque, o que o pastor retirou da ideia de Kardec que trata da imutabilidade da lei divina, quanto a penalidade futura que os Espíritos revelaram nas obras básicas do Espiritismo, haver uma prerrogativa de perdão de erros finitos, outorgados por Deus, ao espírito infrator e arrependido, cabendo numa nova encarnação a expiação e reparação devida com a prática do bem, atenuando o mal praticado em vida anterior, ao qual os evangélicos ignoram este conceito. Este é o pensamento da referida obra citada pelo pastor e que nos parece que ignora e transforma-o em grande problema para que o pastor possa se sair, já que acredita no nada após a morte, como identificado no item anterior a este, quando defende aos materialistas e agora defende a eternidade das penas e as penalidades futuras serem irremissíveis em sua frase citada de forma incompleta. Que o pastor possa se posicionar em qual conceito se encontra, uma vez que defende as duas posições completamente contraditórias, ou seja, uma grande colcha de retalhos. Passemos agora ao próximo capítulo de sua abordagem.

1.3. Altruísmo e não revanche

Neste ponto da abordagem do pastor, ele defende a tese de que está apenas dando, a nós espíritas, o direito de réplica devido ao fato do movimento ao qual ele

segue ter sido questionado por Kardec acerca da eternidade das penas e da falta de remissão dos pecados dos infratores por erros completamente finitos. Dentro deste prisma, ele nos alega que tem este comportamento por *“altruísmo significa amor e dedicação ao próximo”*. Se realmente amasse seu próximo estaria ele tendo um comportamento de alteridade, talvez ignorado por ele, no que diz respeito a se colocar no lugar do outro e reavaliar seu comportamento, realizando uma máxima cristã de *“fazer ao próximo o que querieis que vos fizessem”*, o que de fato não ocorreu quando resolve denegrir a Doutrina Espírita para arrancar seus seguidores às fileiras evangélicas como baluartes da verdade. Outrossim, prossegue o pastor em nos dizer que:

Bem, o fato de Allan Kardec nos criticar nos confere o direito à réplica; porém, não o faço por revanche, e sim, porque julgo que fazê-lo é altruístico. Não posso reter comigo a luz que me veio do Céu. Não posso algemar a Mensagem da Cruz (Rm 1.14).

Longe de termos também o comportamento revanchista, pois não temos a pretensão de converter evangélicos à filosofia espírita, mas antes temos o direito a tréplica ao pastor nos pontos em que age com completa ignorância no trato com a Doutrina Espírita. Este é o nosso objetivo, fornecer aos leitores espíritas o fundamento de nossa filosofia, moral e ciência diante das críticas, assim como Kardec realizava em seu tempo, na oportunidade de responder às objeções e desenvolver novos temas para esclarecimento dos epíritas. Caberá aos evangélicos, se assim o preferirem, simpatizar com os ideais espíritas e continuarem com suas crenças, mas dando-os a referida base filosófica de novos conceitos e percepções acerca da vida espiritual e suas nuances em nosso meio físico, sustentando-os em sua fé no Cristo. Inclusive, o nosso maior exemplo de Jesus na cruz não é o seu sangue derramado, mas o seu perdão aos algozes e neste ínterim, perdoamos ao pastor pelo seu completo desconhecimento acerca do Espiritismo. Mais adiante, vemos o exemplo do pastor e sua justificativa.

Certo kardecista, ouvindo-me dialogar com um católico sobre a inconsistência do Catolicismo, educadamente me pediu licença para participar da nossa conversa, o que não lhe foi negado. Aí ele me sugeriu a respeitar todas as crenças e a parar de criticar a religião alheia. Disse-me ele: “Religião não se discute, pastor Joel”. Então lhe falei, exibindo provas, que “o fundador de sua ‘religião’ não pensava assim; e que, portanto, você não será um bom kardecista enquanto não seguir o exemplo de seu mentor espiritual, o qual criticava todas as ideias religiosas que lhe pareciam erradas, bem como aceitava ouvir as réplicas e tréplicas de seus interlocutores. Kardec criticou a Igreja Católica, tachou

os evangélicos de ignorantes, acusou os materialistas de estarem promovendo o mal, etc. O livro de sua autoria intitulado '**O Que é o Espiritismo**', narra detalhadamente um acirrado debate entre ele e um padre católico romano. Não é, pois, com Kardec que você aprendeu tamanha covardia [...]". Então o referido "Kardecista" silenciou-se, pois viu que ele não é nem mesmo um bom herege. Estou orando por ele, para que o Senhor lhe abra os olhos do entendimento, salvando-o dos engodos kardequianos.

O diálogo proposto com o católico e as críticas do pastor foram interrompidas por um espírita que teve o princípio da alteridade para com o católico e julgou oportuno interferir ao pastor que estava tendo um comportamento revanchista. O espírita, estava tomando uma posição mais empática, tendo para com o católico, mas advogou o pastor em levar o espírita ao mesmo nível e criticar tanto o católico quando o jovem espírita, acabando assim, por ter um comportamento sectário, quando afirma que tanto o católico e o espírita são hereges e ele, o pastor, portador da verdade. Como se não bastasse, citou a obra *O que é o Espiritismo* e advogou para si o exemplo do diálogo de Kardec e o padre que é justamente o de esclarecer ao seu interlocutor, por parte de Kardec, as verdades espíritas quando apresenta a finitude das penas, a evolução espiritual através das vidas sucessivas, as leis morais que regem os dois planos, a pluralidade dos mundos habitados, a intercomunicação entre os planos físico e espiritual, bem como a inexistência de seres voltados ao mal que vieram a entabular os conceitos espíritas, dando a entender que a revelação espírita mais envolve as outras religiões com um laço fraternal e que o padre desconhecia, em resumo, ao que Kardec o orienta. Esta é a síntese da obra citada pelo pastor e seu despreparo o concita a ter lido a referida obra e não a entendido, assim como leu a outra obra, *A Prece Segundo o Espiritismo* e não entendeu nada, quando diz que "*acusou os materialistas de estarem promovendo o mal*", uma vez que o materialismo isenta bons e maus de seus atos e até promove o mau proceder, uma vez que após a morte, existe o nada. Deveria o pastor voltar a estudar a base da Doutrina Espírita e reavaliar seu comportamento. Curiosamente, o pastor assim diz:

Não há uma só seita que não critique todas as demais, mas os adeptos de todas elas, quando confrontados, se melindram e se sentem perseguidos; e, com raríssimas exceções, os kardecistas não têm sido diferentes;

Julga o pastor todas as filosofias que não sendo a sua como seitas, mas esquece que um comportamento sectário é justamente quando se isola cada membro de uma determinada agremiação religiosa e começa a detratar as demais correntes de

pensamento que divergem de sua ortodoxia. Ou seja, o comportamento do pastor é sectário e excludente, pois a tudo julga e condena à sua perspectiva de visão de mundo, mesmo sem juízo de causa no trato com a Doutrina Espírita. O que Kardec realizou em sua obra *O que é o Espiritismo* foi justamente o oposto ao citado pelo pastor, senão esclarecer ao seu público sobre os postulados básicos da Doutrina Espírita e responder às críticas mais comuns vindo da Igreja, do ceticismo e do crítico, nos parecendo que o estimado pastor não entendeu quando leu apressadamente, sem a reflexão. Continua o pastor com suas alegações. Vejamos:

B) Altruísmo para com todos os espíritas:

Estas linhas pretendem ser ainda uma demonstração de amor não só aos kardecistas, mas também aos adeptos das demais ramificações do Espiritismo: Umbanda, Candomblé, Racionalismo Cristão, Legião da Boa Vontade, etc., já que todas essas confissões religiosas não reconhecem a eficácia do sangue de Jesus;

Como já esclarecemos anteriormente, não existe espírita que se coloque numa corrente filosófica espiritualista, concomitantemente acerca do conceito, já esclarecido de que todo espírita é espiritualista, mas nem todo o espiritualista é espírita, pois precisa seguir a codificação de Kardec. Esclarecido este ponto, damos mais importância ao exemplo de Jesus e procuramos seguir seus ensinamentos, uma vez que não colocamos seu sangue como moeda de troca para uma salvação imediata, já que a nossa mensagem da cruz é mais profunda, no que tange ao perdão de nossos algozes, ao qual perdoamos o pastor em suas análises superficiais da Doutrina Espírita. Vejamos o próximo, e último ponto abordado pelo pastor:

C) Altruísmo para com os católicos. Os católicos têm o seguinte envolvimento com o Espiritismo:

- a) Tanto aqui no Brasil, como em toda a América Latina e outros países do mundo, não é pequeno o número de católicos simpatizantes do Espiritismo, nas suas mais diversas modalidades. E a Igreja Católica é culpada disso, como veremos nos três pontos seguir:
- b) Há pouco uma jovem senhora, adepta do Catolicismo, estudante de Teologia católica, membro da ordem Jesuíta, falou-me das aparições de santa Rita e outros santos. Então eu lhe disse que isso é Espiritismo, não Cristianismo;
- c) Rezar a Maria e aos “santos” nada mais é que invocar os mortos, bem como tentar contatá-los;
- d) A Igreja Católica prega oficialmente que os mortos podem se comunicar com os vivos e vice-versa. Ora, repito, isso é Espiritismo.

E, se o leitor duvida, lhe desafio a ler o livro intitulado “Glórias de Maria”, da autoria de “**Santo**” Afonso de Ligório, **Doutor** da “Igreja”, editado pela Editora Santuário (editora católica), 14ª edição de 1989, páginas 42-43 e 211. À página 13 do livro em questão consta que o mesmo foi aprovado pela Igreja Católica, após cuidadoso exame: “...a Igreja... aprovou-lhe os escritos depois de percorrê-los cuidadosamente”.

- e) Todo bom católico é, pois, um bom espírita, já que a sua “Igreja” promove práticas espíritas. Ou canonizar (isto é, elevar à categoria de Santo) um homem que pregava a mediunidade, elevá-lo a Doutor da “Igreja”, aprovar seu livro, traduzi-lo para diversos idiomas, prefaciá-lo com sobejos elogios, recomendá-lo e publicá-lo não é comprometedor? Existe cumplicidade maior do que essa?

Neste último ponto abordado pelo pastor, existe uma crítica a igreja católica, devido ao fato de seus adeptos serem simpatizantes com a Doutrina Espírita, o que não seria novidade, pois Kardec, em seus escritos sempre envolvia as outras crenças nos postulados espíritas, pois julgava que a Doutrina os completariam e daria mais sustentáculo a sua fé. É o que de fato ocorre e não há como o referido pastor lutar contra a lei do progresso, pois a mediunidade e a comunicação entre os dois planos é fato e contra os fatos não há argumentos. Concluimos este ponto com a reflexão do filósofo espírita Léon Denis:

*“O Espiritismo não dogmatiza... Não é nem uma seita, nem uma ortodoxia, mas uma filosofia viva, aberta a todos os espíritos livres, filosofia que evolve, que progride. ...**Não impõe nada; propõe...** O que propõe apoia em fatos de experiência e em provas morais. ...**Não exclui qualquer outra crença, antes a todas abraça numa fórmula mais vasta, numa expressão mais elevada e extensa da verdade.**” (Léon Denis)*

1.4. De olho nas incoerências

Partiremos agora para possíveis incoerências encontradas pelo pastor na Codificação Espírita, ao qual ele inicia suas análises dizendo que:

Como o prezado leitor já sabe, “O Espiritismo Kardecista e Suas Incoerências” é o título deste livro. Isto, segundo me parece, deixa claro que a principal coisa que pretendo expor nestas linhas é que o Kardecismo é incoerente, isto é, contraditório. E por que empreendo expor que o Kardecismo é incoerente? As respostas são:

A) A fonte deste empreendimento é o amor;

B) Os objetivos deste empreendimento são:

a) Provar aos kardecistas que o kardecismo não merece crédito, para, deste modo, preparar o terreno para a exposição do Evangelho que os libertará;

b) Ver os kardecistas no Céu.

Em sua análise, tentando estabelecer que a Doutrina Espírita é incoerente, certamente que se baseia em alguma base e sua base é o Protestantismo, e ao que parece protesta até os dias atuais contra filosofias que lhe são aparentemente contrárias aos seus dogmas adotados. Embora, foram dedicados ao combate dos abusos da Igreja Católica na idade média, agora se encontram protestando contra a Doutrina Espírita e outras agremiações. Não obstante, ele enumerou três pontos que o motivaram na empreitada contra as supostas incoerências do Espiritismo. Vejamos suas justificativas:

Primeira abordagem que o motiva é o amor que sente pelos adeptos do Espiritismo, a fim de que nós possamos relegar nossas convicções e nos imiscuir aos seus pressupostos e defender seus dogmas fundamentais. Vejamos o que é dito sobre o amor e sua verdadeira prática na Doutrina, constante no capítulo XI da obra **[O Evangelho Segundo o Espiritismo](#)**, sob o título de *Instruções dos Espíritos – A Lei do Amor*. Vejamos:

Instruções dos Espíritos

A lei de amor

8. O amor resume a doutrina de Jesus inteira, visto que esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais. Ditoso aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amor os seus irmãos em sofrimento! Ditoso aquele que ama, pois não conhece a miséria da alma, nem a do corpo. Tem ligeiros os pés e vive como que transportado, fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou a divina palavra — amor — , os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo.

O Espiritismo a seu turno vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino. Estai atentos, pois que essa palavra ergue a lápide dos túmulos vazios, e a *reencarnação*, triunfando da morte, revela às criaturas deslumbradas o seu patrimônio intelectual. Já não é ao suplício que ela conduz o homem: condu-lo à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito e o Espírito tem hoje que

resgatar da matéria o homem.

Disse eu que em seus começos o homem só instintos possuía. Mais próximo, portanto, ainda se acha do ponto de partida do que da meta, aquele em quem predominam os instintos. A fim de avançar para a meta, tem a criatura que vencer os instintos, em proveito dos sentimentos, isto é, que aperfeiçoar estes últimos, sufocando os germens latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; trazem consigo o progresso, como a glândula encerra em si o carvalho, e os seres menos adiantados são os que, emergindo pouco a pouco de suas crisálidas, se conservam escravizados aos instintos. O Espírito precisa ser cultivado, como um campo. Toda a riqueza futura depende do labor atual, que vos granjeará muito mais do que bens terrenos: a elevação gloriosa. É então que, compreendendo a lei de amor que liga todos os seres, buscareis nela os gozos suavíssimos da alma, prelúdios das alegrias celestes. – *Lázaro*. (Paris, 1862.)

9. O amor é de essência divina e todos vós, do primeiro ao último, tendes, no fundo do coração, a centelha desse fogo sagrado. É fato, que já haveis podido comprovar muitas vezes, este: o homem, por mais abjeto, vil e criminoso que seja, vota a um ente ou a um objeto qualquer viva e ardente afeição à prova de tudo quanto tendesse a diminuí-la e que alcança, não raro, sublimes proporções.

A um ente ou um objeto qualquer, disse eu, porque há entre vós indivíduos que, com o coração a transbordar de amor, dependem tesouros desse sentimento com animais, plantas e, até, com coisas materiais: espécies de misantropos que, a se queixarem da Humanidade em geral e a resistirem ao pendor natural de suas almas, que buscam em torno de si a afeição e a simpatia, rebaixam a lei de amor à condição de instinto. Entretanto, por mais que façam, não logram sufocar o gérmen vivaz que Deus lhes depositou nos corações ao criá-los. Esse gérmen se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência e, embora comprimido amiúde pelo egoísmo, torna-se a fonte das santas e doces virtudes que geram as afeições sinceras e duráveis e ajudam a criatura a transpor o caminho escarpado e árido da existência humana.

Há pessoas a quem repugna a reencarnação, com a ideia de que outros venham a partilhar das afetuosas simpatias de que são ciosas. Pobres irmãos! o vosso afeto vos torna egoístas; o vosso amor se restringe a um círculo íntimo de parentes e de amigos, sendo-vos indiferentes os demais. Pois bem! para praticardes a lei de amor, tal como Deus o entende, preciso se faz chegueis passo a passo a amar a todos os vossos irmãos indistintamente.

A tarefa é longa e difícil, mas cumprir-se-á: Deus o quer e a lei de amor constitui o primeiro e o mais importante preceito da vossa nova doutrina, porque é ela que um dia matará o egoísmo, qualquer que seja a forma sob que se apresente, dado que, **além do egoísmo pessoal, há também o egoísmo de família, de casta, de nacionalidade. Disse Jesus: “Amai o vosso próximo como a vós mesmos.” Ora, qual o limite com**

relação ao próximo? Será a família, a seita, a nação? Não; é a Humanidade inteira. Nos mundos superiores, o amor recíproco é que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados que os habitam, e o vosso planeta, destinado a realizar em breve sensível progresso, verá seus habitantes, em virtude da transformação social por que passará, a praticar essa lei sublime, reflexo da Divindade.

Os efeitos da lei de amor são o melhoramento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais viciosos se reformarão, quando observarem os benefícios resultantes da prática deste preceito: **Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam; fazei-lhes, ao contrário, todo o bem que vos esteja ao alcance fazer-lhes.**

Não acrediteis na esterilidade e no endurecimento do coração humano; ao amor verdadeiro, ele, a seu mau grado, cede. É um ímã a que não lhe é possível resistir. O contato desse amor vivifica e fecunda os germens que dele existem, em estado latente, nos vossos corações. A Terra, orbe de provação e de exílio, será então purificada por esse fogo sagrado e verá praticados na sua superfície a caridade, a humildade, a paciência, o devotamento, a abnegação, a resignação e o sacrifício, virtudes todas filhas do amor. Não vos canseis, pois, de escutar as palavras de João, o Evangelista.

Como sabeis, quando a enfermidade e a velhice o obrigaram a suspender o curso de suas prédicas, limitava-se a repetir estas suavíssimas palavras: “Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros.” Amados irmãos, aproveitai dessas lições; é difícil o praticá-las, porém, a alma colhe delas imenso bem. Crede-me, fazei o sublime esforço que vos peço: “Amai-vos” e vereis a Terra em breve transformada num Paraíso onde as almas dos justos virão repousar. – *Fénelon*. (Bordeaux, 1861.)

10. Meus caros discípulos, os Espíritos aqui presentes vos dizem, por meu intermédio: “Amái muito, a fim de serdes amados.” É tão justo esse pensamento, que nele encontrareis tudo o que consola e abranda as penas de cada dia; ou melhor: pondo em prática esse sábio conselho, elevar-vos-eis de tal modo acima da matéria que vos espiritualizareis antes de deixardes o invólucro terrestre. Havendo os estudos espíritas desenvolvido em vós a compreensão do futuro, uma certeza tendes: a de caminhardes para Deus, vendo realizadas todas as promessas que correspondem às aspirações de vossa alma. Por isso, deveis elevar-vos bem alto para julgardes sem as constringências da matéria, e não condenardes o vosso próximo sem terdes dirigido a Deus o pensamento. Amar o próximo como a si mesmo.

Amar, no sentido profundo do termo, é o homem ser leal, probo, consciencioso, para fazer aos outros o que queira que estes lhe façam; é procurar em torno de si o sentido íntimo de todas as dores que acabrunham seus irmãos, para suavizá-las; é considerar como sua a grande família humana, porque essa família todos a encontrareis, dentro de certo período, em mundos mais adiantados;

e os Espíritos que a compõem são, como vós, filhos de Deus, destinados a se elevarem ao infinito. Assim, não podeis recusar aos vossos irmãos o que Deus liberalmente vos outorgou, porquanto, de vosso lado, muito vos alegraria que vossos irmãos vos dessem aquilo de que necessitais. Para todos os sofrimentos, tende, pois, sempre uma palavra de esperança e de conforto, a fim de que sejais inteiramente amor e justiça. Crede que esta sábia exortação: “Amai bastante, para serdes amados”, abrirá caminho; revolucionária, ela segue sua rota, que é determinada, invariável. Mas já ganhastes muito, vós que me ouvis, pois que já sois infinitamente melhores do que éreis há cem anos. Mudastes tanto, em proveito vosso, que aceitais de boa mente, sobre a liberdade e a fraternidade, uma imensidade de ideias novas, que outrora rejeitaríeis. Ora, daqui a cem anos, sem dúvida aceitareis com a mesma facilidade as que ainda vos não puderam entrar no cérebro.

Hoje, quando o movimento espírita há dado tão grande passo, vede com que rapidez as ideias de justiça e de renovação, constantes nos ditados espíritas, são aceitas pela parte mediana do mundo inteligente. É que essas ideias correspondem a tudo o que há de divino em vós. É que estais preparados por uma sementeira fecunda: a do século passado, que implantou no seio da sociedade terrena as grandes ideias de progresso. E, como tudo se encadeia sob a direção do Altíssimo, todas as lições recebidas e aceitas virão a encerrar-se na permuta universal do amor ao próximo. Por aí, os Espíritos encarnados, melhor apreciando e sentindo, se estenderão as mãos, de todos os confins do vosso planeta. Uns e outros reunir-se-ão, para se entenderem e amarem, para destruírem todas as injustiças, todas as causas de desinteligências entre os povos.

Grande conceito de renovação pelo Espiritismo, tão bem exposto em *O livro dos espíritos*; tu produzirás o portentoso milagre do século vindouro, o da harmonização de todos os interesses materiais e espirituais dos homens, pela aplicação deste preceito bem compreendido: “Amai bastante, para serdes amados.” – *Sanson*, ex-membro da Sociedade Espírita de Paris. (1863.) (KARDEC, A. 2019b, p. 156-159)

Salientamos estas três mensagens dos espíritos de Lázaro, Fénelon e Sanson convergindo para o que propõe a Doutrina Espírita, em destaque, que entrevê em seus postulados a prática do sublime sentimento de amor com o próximo, fazendo ao próximo tudo o que gostaríamos que nos fizessem, onde o que o pastor certamente não observou com zelo na codificação, esquecendo-se de que a Espiritualidade deu a marcha do desenvolvimento moral através da prática do amor uns com os outros, independente de raça, posição social e religião, o que aponta ao lado oposto ao que propõe o pastor em seu comportamento sectário e egoísta em querer trazer os espíritas para seu grupo religioso. Com isso, explica-se o pastor após suas citações:

Ora, embora eu não trate neste livro só das incoerências do Kardecismo, mas também de outros erros (dessa confissão religiosa) igualmente sintomáticos, certamente me bastaria provar a veracidade de que o Kardecismo é contraditório, para ficar claro a qualquer pessoa de bom senso que essa “religião” não merece crédito. Onde não há contradição, temos que examinar para sabermos se há ou não erros; mas a incoerência dispensa maior exame. Uma instituição autocontraditória expõe-se a si mesma ao ridículo, não necessitando, portanto, que alguém se dê ao trabalho de fazê-lo.

Neste ponto se torna curioso o argumento do pastor, uma vez que denota ser incoerente e contraditório o Espiritismo, não necessitando de ninguém realizar as críticas necessárias para apontar tais erros, onde os coloca à margem de quaisquer críticas. Agora vemos onde se encontram as incoerências, tal como esta argumentação completamente contraditória. Percebemos ainda o esforço do pastor em colocar a Doutrina como uma religião, negando assim, seu tríplice aspecto filosófico, científico e moral, ao qual apresentamos acima, os Espíritos deveriam nutrir a desunião, o partidarismo e sectarismo e não o oposto que destacamos. Acredito que temos aí uma incoerência que o pastor terá que resolver. Com isso, continua o pastor:

Para que alguém possa se considerar adepto de uma religião, são imprescindíveis os seguintes passos:

- Essa religião precisa existir. Claro, como ser adepto de uma religião inexistente?
- Conhecer as doutrinas dessa religião;
- Concordar com as doutrinas dessa religião;
- Abraçar as doutrinas dessa religião.

De forma equivocada o pastor continua a classificar a Doutrina Espírita como religião, negligenciando seu tríplice aspecto de filosofia, ciência e moral, o que denota completo desconhecimento dos postulados Espíritas. Parece-nos que não são estudou a codificação em suas minúcias. Contudo, nos diz que é preciso conhecer, concordar e abraçar os pontos doutrinários para que se considere espírita, o que parece não ser da forma como Kardec entendia, vejamos na primeira parte da **Obras Póstumas**, uma reflexão sintética de Kardec sobre o tema *Doutrina Espírita*, contida no capítulo X, dentro do quesito das cinco alternativas para a humanidade:

V – Doutrina Espírita

O princípio inteligente independe da matéria. A alma individual preexiste e sobrevive ao corpo. O ponto de partida ou de origem é o mesmo para

todas as almas, sem exceção; todas são criadas simples e ignorantes e sujeitas a progresso indefinido. Nada de criaturas privilegiadas e mais favorecidas do que outras. Os anjos são seres que chegaram à perfeição, depois de haverem passado, como todas as outras criaturas, por todos os graus da inferioridade. As almas ou Espíritos progredem mais ou menos rapidamente, mediante o uso do livre-arbítrio, pelo trabalho e pela boa vontade.

A vida espiritual é a vida normal; a vida corpórea é uma fase temporária da vida do Espírito, que durante ela se reveste de um envoltório material, de que se despe por ocasião da morte.

O Espírito progride no estado corporal e no estado espiritual. O estado corpóreo é necessário ao Espírito, até que haja galgado certo grau de perfeição. Ele aí se desenvolve pelo trabalho a que é submetido pelas suas próprias necessidades e adquire conhecimentos práticos especiais.

Sendo insuficiente uma só existência corporal para que adquira todas as perfeições, retoma um corpo tantas vezes quantas lhe forem necessárias e de cada vez encarna com o progresso que haja realizado em suas existências precedentes e na vida espiritual. Quando, num mundo, alcança tudo o que aí pode obter, deixa-o para ir a outros mundos, intelectual e moralmente mais adiantados, cada vez menos materiais, e assim por diante, até a perfeição de que é suscetível a criatura.

O estado ditoso ou inditoso dos Espíritos é inerente ao adiantamento moral deles; a punição que sofrem é consequência do seu endurecimento no mal, de sorte que, com o perseverarem no mal, eles se punem a si mesmos, mas a porta do arrependimento nunca se lhes fecha e eles podem, desde que o queiram, volver ao caminho do bem e efetuar, com o tempo, todos os progressos.

As crianças que morrem em tenra idade podem ser Espíritos mais ou menos adiantados, porquanto já tiveram outras existências em que ou praticaram o bem ou cometeram ações más. A morte não os livra das provas que hajam de sofrer e, em tempo oportuno, eles voltam a uma nova existência na Terra, ou em mundos superiores, conforme o grau de elevação que tenham atingido.

A alma dos cretinos e dos idiotas é da mesma natureza que a de qualquer outro encarnado; possuem, muitas vezes, grande inteligência; sofrem pela deficiência dos meios de que dispõem para entrar em relação com os seus companheiros de existência, como os mudos sofrem por não poderem falar. É que abusaram da inteligência em existências pretéritas e aceitaram voluntariamente a situação de impotência para usar dela, a fim de expiarem o mal que praticaram etc. etc. (KARDEC. A. 2019b, p. 172-173)

De forma resumida, Kardec entabula que os conceitos espíritas são independentes de dogmas e de quaisquer outros preceitos religiosos o que contrapõe a

visão do pastor, colocando-o numa posição sectária e incoerente ante o completo desconhecimento da Doutrina Espírita, mas o pastor não para por aí e dá exemplos, vejamos:

Eu não posso dizer que sou muçulmano. O Islamismo existe e conheço as suas doutrinas, mas discordando das mesmas, refuto-as. Eu não creio em Alá (o falso deus dos muçulmanos), duvido do Alcorão e rejeito Maomé como profeta do verdadeiro Deus. Mas eu assumo que não sou muçulmano.

Os muçulmanos podem discordar de mim, mas não podem me tachar de incoerente. Tal não é, porém, a sorte dos kardecistas, visto que dos quatro requisitos acima, o Kardecismo só preenche os dois primeiros. Sim, deveras o Cristianismo existe e os kardecistas realmente têm considerável conhecimento das doutrinas da fé cristã. Porém, os kardecistas não concordam com o corpo de doutrinas do Cristianismo e, por conseguinte, o rejeitam e combatem-no. Ora, como pode uma pessoa discordar das doutrinas de uma religião e, portanto, rebatê-las veementemente e ainda assim se considerar membro da mesma? Ser Kardecista equivale a dizer o seguinte: "Sou cristão, mas discordo e desdenho o Cristianismo. O Cristianismo é uma religião ridícula e absurda, por cujo motivo o rejeito e repilo, embora eu também seja cristão".

O que demonstramos acima é que o corpo de convicções dos Espíritas reside na lei natural, na pluralidade das existências, pluralidade dos mundos habitados, na comunicabilidade entre o plano físico moral e o impacto moral que a Doutrina expõe seus adeptos à reforma íntima. Todo este cabedal consiste, em contrapartida, em questionar os principais dogmas exarados pelo Cristianismo, pois como acreditamos, somos impelidos ao raciocínio lógico e perene de nossas convicções, não excetuando as demais crenças, quando sinceras e propulsoras da moral aplicada a cada individualidade. Bem sabemos que o Islamismo deu ao povo árabe uma direção e uma convicção no Deus único, que para os espíritas é um só, independente de crenças, mas como sabemos que o pastor negligenciou a Revista Espírita, trazemos parte da resposta de Kardec ao Abade François Chesnel de Paris, em sua época, encontrada na [Revista Espírita 1859](#). Vejamos:

O Espiritismo não é, pois, uma religião. Se o fosse teria seu culto, seus templos, seus ministros. Sem dúvida cada um pode fazer uma religião de suas opiniões e interpretar à vontade as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova Igreja há uma grande distância e creio que seria imprudência seguir tal ideia. **Em resumo, o Espiritismo se ocupa da observação dos fatos, e não das particularidades de tal ou qual crença, da pesquisa das causas, da explicação que esses**

fatos podem dar de fenômenos conhecidos, assim na ordem moral como na ordem física, e não impõe nenhum culto aos seus partidários, como a Astronomia não impõe o culto dos astros, nem a pirotecnia o culto do fogo. Ainda mais: do mesmo modo que o sabeísmo nasceu da Astronomia mal compreendida, o Espiritismo, mal compreendido na Antiguidade, foi a fonte do politeísmo. Hoje, graças às luzes do Cristianismo, podemos julgá-lo com mais critério. Ele nos põe em guarda contra os sistemas errôneos, frutos da ignorância, e a própria religião nele pode haurir a prova palpável de muitas verdades contestadas por certas opiniões. Eis por que, contrariando a maior parte das ciências filosóficas, um dos seus efeitos é reconduzir às ideias religiosas aqueles que se extraviaram num ceticismo exagerado. (KARDEC, A. 2004b p. 207) (grifo nosso)

Partindo deste princípio de que a Doutrina Espírita não compõe um corpo de sacerdócio, culto preestabelecido, mas de uma doutrina moral, capaz de modificar a visão de mundo de seus adeptos e simpatizantes à mudança interior, preconizada pelo Cristo, em nos remeter a possibilidade de galgarmos os degraus evolutivos, ao qual todos nós estamos sujeitos à chegar ao progresso moral e intelectual, tendo como meritório a ocupação de mundos mais adiantados e regiões celestes, independentemente de crença. Contudo, numa visão sectária, o pastor nos propõe:

Neste livro não discuto se o Cristianismo é ou não verdadeiro. Antes empreendo tão-somente salientar que os kardecistas precisam se posicionar. **“Ser ou não ser: eis a questão”**. Mas, como eles não o fazem, salta aos olhos que o Kardecismo é um sistema fraudulento.

Será uma tarefa árdua ao pastor nos colocar como seguidores de preceitos fraudulentos, pois a Doutrina Espírita está pautada na moral cristã que não difere entre agremiações religiosas, pois está pautada nos principais conceitos doutrinários de “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” desejando que “façais ao próximo tudo o que gostaríeis que vos fizessem”. Se a Doutrina Espírita prega esta máxima, logo ela não é fraudulenta, mas exara princípios universais preponderantes para a reforma íntima, independente de credo. Contudo, continua o sectarismo do pastor:

E é verdade que o Kardecismo, incoerentemente, rejeita os pilares do Cristianismo? Em outras palavras: É verdade que o Kardecismo, embora se propague cristão, rejeita e refuta o Cristianismo? A resposta é “sim”. E vou provar isso como dois mais dois são quatro. Para tanto, nada mais terei que fazer além de provar que o Kardecismo nega as seguintes doutrinas do Cristianismo:

- A veracidade da Bíblia como sendo 100% a Palavra de Deus;
- A trindade de Deus;
- A Divindade de Jesus;
- A personalidade e Divindade do Espírito Santo;
- A unicidade de nossa existência neste mundo (ou seja, não há reencarnação);
- A eficácia do sangue de Jesus na purificação de pecado;
- A ressurreição dos mortos;
- A segunda vinda de Jesus;
- O arrebatamento da Igreja;
- O Juízo Final;
- A existência do Diabo e dos demônios segundo a Bíblia;
- O tormento eterno no Inferno para o Diabo, os demônios e os homens que se perderem;
- A negação da mediunidade e, por conseguinte, a proibição de consulta aos mortos;
- Batismo;
- A Santa Ceia do Senhor;
- Que todos descendemos de um tronco único: Adão e Eva, etc.

Obviamente assiste aos kardecistas o direito de negarem todas estas doutrinas; mas eles podem ao mesmo tempo rejeitar estes ensinamentos e, ainda assim, se considerarem cristãos? Será que esse tipo de “cristão” não é comparável a um dicionário sem letras, à Matemática sem números, a um céu sem estrelas, a um rio sem águas, e a veias sem sangue? Será que estou mesmo equivocado, quando concluo que um kardecista cristão é tão anômalo quanto ladrões que não roubam, assassinos que não matam e mentirosos verdadeiros? Será que os Kardecistas não têm mesmo que escolher entre negar as doutrinas cristãs e assumirem que não são cristãos, ou se propagarem cristãos, mas aceitar estas doutrinas?

Sei que os kardecistas, respondendo negativamente a estas perguntas, dirão que este meu argumento não é consistente, “porque” (falo com minhas palavras) “as doutrinas tidas por cristãs, das quais o Kardecismo diverge, não constituem o Cristianismo original pregado por Jesus, e sim, meras interpolações e deturpações cometidas pelos apóstolos (Mateus, Pedro, Paulo, João) e demais hagiógrafos neotestamentários (Marcos, Lucas, Tiago), bem como por muitos outros através dos séculos”. (em defesa deste argumento é possível que apelem para as diferenças entre os manuscritos). Assim, o Espiritismo codificado por Kardec é, não só a restauração do verdadeiro Cristianismo” (e, diga-se de passagem, um “cristianismo” tão refinado que nem os apóstolos conheceram coisa

igual), “mas também a revelação que estava por vir, conforme prometera o Cristo em Jo. 16:12, promessa esta que se cumpre a partir de 1857, quando do lançamento dos livros de Allan Kardec.

Essa enorme listagem do pastor só enumera dogmas que ao longo dos séculos foram se estabelecendo através de incontáveis concílios, pois não encontramos essas recomendações nos Evangelhos e nem mesmo esta é a fórmula deixada pelo Mestre Jesus de reconhecimento dos seus seguidores, pois Jesus nos disse que: “**Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros**”. (Jo 13:35). É bem simples a recomendação do mestre, mas de difícil cumprimento pelos que se dizem seus seguidores mais seculares, pois colocam os dogmas acima da principal prática da moral cristã, como uma cartilha de aceitação e passaporte para uma vida plena. O que ocorre é o movimento contrário, pois colocam as legalidades de uma crença acima dos preceitos morais do Cristo. Já sobre a passagem que prevê a vinda do Espírito de Verdade, contida no Evangelho de João, voltaremos a ela com mais detalhe mais adiante. Com isso, continua o pastor.

Bem, os kardecistas questionam, como demonstrei acima, a veracidade da Bíblia. Entrar no mérito desta questão não é o alvo deste livro, pois por ora pretendo apenas desmascarar o Kardecismo para, deste modo, levar suas vítimas a buscar a verdade em Deus e no Seu Livro a Bíblia. Por isto limito-me a formular aos kardecistas as seguintes contundentes interrogações: Os kardecistas podem provar as alegadas adulterações que teriam sido cometidas pelos apóstolos e outros aventureiros através dos séculos? Onde, como e quando ocorreram tais interpolações? Será que tudo não passa de grosseira especulação? Porventura os achados arqueológicos não deixam evidentes que as inegáveis provas dos erros cometidos pelos copistas são falhas banais que, portanto, não ferem a integridade do Texto? Será que os kardecistas não sabem que crer na Bíblia não implica em crer na infalibilidade dos copistas e tradutores das Escrituras, mas sim, e tão-somente, crer na Inspiração Verbal e Plena dos originais?

(Sugiro a todos os que suspeitam da autenticidade da Bíblia a lerem o livro intitulado **As Grandes Defesas do Cristianismo**, de Jefferson Magno da Costa, editado pela CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus, geralmente à venda nas livrarias evangélicas).

Não confunda kardecismo com kardecista. Este autor desdenha o kardecismo, não os kardecistas.

Agora o pastor entra num terreno movediço, no que diz respeito às interpolações, glosas e adulterações bíblicas, o que sabemos terem existido ao longo dos séculos de cópias produzidas pela cristandade, o que levou a muito debate e descrédito de cristãos

quanto ao trato com a Bíblia neste quesito de veracidade dos textos ali expressos. Se o pastor pudesse verificar mesmo nas traduções protestantes de João Ferreira de Almeida, nos pouparia o trabalho de identificarmos tais adulterações. Mas vamos apenas identificar algumas dentro do próprio movimento protestante. Vejamos:

1º – Acréscimo no Evangelho de Marcos: Nas traduções provindas do Texto Receptus, há o acréscimo em Marcos, constante no encerramento do Evangelho em seu capítulo 16, versus 9 ao 20, assim como assevera Haroldo Dutra Dias (1971-), em sua obra de tradução **O Novo Testamento**. Vejamos o que ele observa: “A crítica textual contemporânea rejeita esse relato (Mc 16:9-20), como sendo de autoria do Evangelista Marcos.” (DIAS, H. D., 2013, p. 243)

2º – A fórmula trinitária do batismo em nome do Pai, Filho e Espírito Santo onde podemos constatar no Evangelho de Mateus, capítulo 28, versículo 19 ao qual lemos na **Bíblia de Jerusalém**:

Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo^c (Mt 28,19)

^c É possível que, em sua forma precisa, essa fórmula reflita influência do uso litúrgico posteriormente fixado na comunidade primitiva. Sabe-se que o livro dos Atos fala em batizar “no nome de Jesus” (cf At 1,5+; 2,38+) Mais tarde deve ter-se estabelecido a associação do batizado às três pessoas da Trindade. Quaisquer que tenham sido as variações nesse ponto, a realidade profunda permanece a mesma. O batismo une à pessoa de Jesus Salvador; ora, toda a sua obra salvífica procede do amor do Pai e se completa pela efusão do Espírito. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1758) (grifo nosso)

3º – Vou me valer de uma pesquisa que realizei no passado acerca do tema da adulteração no livro de Deuteronômio, constante no capítulo 18, onde em minha pesquisa intitulada **Comunicação com os Mortos na Bíblia**, nas páginas de 7 a 9, podemos encontrar:

Baseando-me na obra “**Analisando as Traduções Bíblicas**”, segue o estudo a seguir que analisa a tradução de alguns textos da Bíblia Hebraica, ou seja, o Tanah, especialmente com relação à passagem tão propalada de **Deuteronômio 18**, onde é considerada a mais utilizada relativamente contra a Doutrina Espírita. Observem que na transliteração, foram consideradas as regras de acentuação da língua portuguesa, mas que salta aos nossos olhos algumas traduções que conhecemos.

e) Deuteronômio, (18: 9-11) : Texto Hebraico.

כִּי אָתָּה בָּא אֶל־הָאָרֶץ אֲשֶׁר־יְהוָה אֱלֹהֶיךָ נָתַן לָךְ לֵאמֹר
לַעֲשׂוֹת כְּתוֹעֵבֹת הַגּוֹיִם הָהֵם: לֹא־יִמָּצֵא בְּךָ מְעַבֵּיר בְּנוֹרָה
וּבְתוֹ בָּאֵשׁ קֶסֶם קְסָמִים מְעֻזָּן וּמְנַחֵשׁ וּמְכַשֵּׁף: וְהִכָּר הַכֹּהֵן
וְשָׂאֵל אוֹב וְיִדְעֵי דְרֹשׁ אֶל־הַמֵּתִים:

Texto Hebraico Transliterado

"ki atá ba él-haaréts asher lahvéh Eloheichá noten lach lô tilmad la'assôt kto'avôt hagoim hahém. lô-imatzê bechá ma'avir benô-uvitô baêsh kôssen ksamim me'onem umnachêsh umchashêf : vchovêr vchavêr vshoêl ôv veid'oni vedorêsh el-hametim".

Tradução Literal

"ki=quando; atá=entrares; bá=fores, chegares ou entrares; él-haaréts=na terra; asher=ao qual; lahvéh=lahvéh; Eloheichá=teu Deus; noten lach=te dá; lô tilmad=não aprendas; la'assôt=fazer; kto'avôt=sujeiras, manchas, abominações; hagoim hahém=daquelas nações estrangeiras. lô-imatzê bechá=Não se achará entre ti; ma'avir benô-uvitô=quem faça passar seu filho ou sua filha; baêsh=pelo fogo; kôssen=nem encantador; ksamim=nem feiticeiros; me'onem=nem agoureiro; umnachêsh=nem cartomante; umchashêf= e nem mágico, bruxo, ou feiticeiro; vchovêr=nem mago; vchavêr=e semelhante; vshoêl ôv=nem quem consulte o necromante, o mágico ou o feiticeiro; veid'oni=e o mágico ou adivinho; vedorêsh= e quem exija a presença; el-hametim=dos mortos"

Analisemos agora todo este texto palavra por palavra para que você, leitor, possa tirar suas conclusões.

Começemos pelas recomendações de Moisés no Versículo nove(9) do Deuteronômio 18: **"Quando entrares ou chegares na terra que lahvéh teu Deus te dá, não aprendas a fazer as abominações daquelas nações"**.

Aqui começam as recomendações. A quem são dirigidas estas recomendações?

Aos Espíritas?

Claro que não!

"Quando entrares na terra que lahvéh te deu".

Quando quem entrar?

Certamente que Moisés se refere aos **"Bnei Israel"**, Filhos de Israel, ou o povo de Israel.

E a que terra prometida por Deus se refere Moisés?

Sabemos que o autor sagrado se refere à terra de Canaã ou terra prometida por Deus a Abraão e seus descendentes.

Ora, se estas recomendações foram dirigidas aos filhos de Israel ou Hebreus, nós, espíritas, 4.000 anos depois, não temos a menor

responsabilidade sobre esse fato, pois por acaso, recebemos de Moisés a incumbência de ir para a terra prometida?

Parece-nos que os desejosos de atacar, a todo custo, o seu “PRÓXIMO” só porque possui outra filosofia religiosa, ficam tão presos às questões críticas e pessoais, que não percebem a verdadeira época e origem dos textos sagrados e a quem eles foram realmente dirigidos.

Vamos analisar, agora, o texto do Deuteronômio, o que de uma maneira geral, resume os demais e serve para que cada um possa tirar as suas dúvidas e conclusões.

lô-imatzê bechá=Não se ache contigo; **ma’avir benô-uvitô baêsh**=quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha.

Refere-se esta primeira parte ao costume entre os fenícios de queimar os primogênitos no altar de Moloq³⁵. Moisés proíbe ainda que nem sequer se faça oferta dos filhos e filhas de Moloq, fazendo-os passar pelo fogo (Lv. 18:21 – 2Rs. 23:10). Os acontecimentos bíblicos fazem pensar em ritos realizados para fundações ou em caso de derrotas e infortúnios (1Rs. 16:34; 2Rs. 3:27).

Maimônides⁸⁵, (1135-1204), filósofo, médico, mestre da literatura rabínica e um dos maiores iluminadores do povo judeu em todos os tempos, explica este procedimento: “Um grande fogo é aceso. O pai toma um de seus filhos e o entrega aos sacerdotes que são adoradores do fogo. Aqueles sacerdotes devolvem o filho ao pai, após ter sido entregue em suas mãos, para que possa ser passado através do fogo, com o consentimento do pai. O pai é quem passa o seu filho sobre o fogo, com a permissão do sacerdote. Ele faz seu filho andar com os próprios pés através das chamas, de um lado ao outro. De fato, em tal ritual, não se queima a criança em honra de Moloq como filhos e filhas eram queimados no ritual de uma espécie de idolatria, mas faz-se meramente com que ele passe através do fogo, a serviço do ídolo chamado Moloq”.

Veja a desobediência dos israelitas em 2 Reis 17:17: **“Fizeram passar pelo fogo seus filhos e filhas, praticaram a adivinhação e a feitiçaria, e venderam-se para fazer o mal na presença de lahvéh, provocando sua ira”**.

Eles ainda estavam muito ligados aos costumes egípcios, daí a preocupação de Moisés, Isaías faz referência em seu livro no Capítulo 19:3, sobre este costume que é herdado dos Egípcios. Veja seu comentário: **“O espírito dos egípcios será aniquilado no seu íntimo, confundirei o seu conselho. Eles irão em busca dos seus deuses vãos, dos encantadores e dos adivinhos” (vél-haovôt vél-haid’onim)**.

Na etimologia clássica grega, Cronos devorava seus filhos. A imolação de crianças na fogueira era acompanhada de cerimônias de encantamento destinadas a apaziguar o deus. Acaz, rei de Judá, realizou tais práticas e está em 2Rs. 16:2-4. Veja: **“Acaz tinha vinte anos quando começou a reinar e reinou dezesseis anos em Jerusalém. Não fez o que é agradável aos olhos de lahvéh, seu Deus, como**

havia feito David, seu pai. Imitou a conduta dos reis de Israel, e chegou a fazer passar pelo fogo, segundo os costumes abomináveis das nações de Iahvéh havia expulsado de diante dos filhos de Israel”.

Aqui existe, por parte da maioria dos tradutores, a tendência de utilizar um texto escrito, em um passado remoto, para adaptá-lo a uma realidade completamente diferente, no presente, tendo, principalmente, como objetivo condenar uma Doutrina que eles desconhecem.

Analise o versículo 10 e responda: Onde é quem no texto acima traduzido, estão as palavras **“médiums, espiritismo, ou espírita ou espírito”** que tantos tradutores encontram?

Com um pouco de Exegese e Hermenêutica desprovidas de sectarismo religioso faz falta a muita gente!...

Agora observe a tradução da 35ª. edição da Bíblia, realizada pelo centro Bíblico Católico editora Ave Maria22: **“Quando tiverdes entrado na terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não te porás a imitar as práticas abomináveis da gente daquela terra. Não se ache no meio de ti quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, nem que se dê a adivinhação, à astrologia, aos agouros, ao feiticismo, à magia, ao espiritismo, à adivinhação ou a evocação dos mortos”.** (tradução incorreta).

Está de acordo, caro leitor, com os textos hebraicos traduzidos acima?

Observe ainda o que coloca a Bíblia **“Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas¹³”** dos nossos irmãos Testemunhas de Jeová:

“Quando tiveres entrado na terra que Jeová, teu Deus, te dá, não debes aprender a fazer as coisas detestáveis dessas nações. Não se deve achar em ti alguém que faça seu filho ou sua filha passar pelo fogo, alguém que empregue adivinhação, alguém praticante de magia ou quem procure presságios, ou um feiticeiro, ou alguém que prenda outros com encantamento, ou alguém que vá consultar um médium Espírita, ou um prognosticador profissional de eventos, ou alguém que consulte os mortos”. (tradução incorreta).

Analise a tradução, comparando-a com o texto traduzido acima e tire suas conclusões... onde existe médium e espírita neste versículo? (SILVA, 2012, p. 85-89, grifos no original)

Após esta análise, vemos que há uma tentativa de se condenar a Doutrina Espírita em cima desta passagem, mesmo que estes que se arvoram em detratar o Espiritismo, infelizmente venham **adulterar** um documento histórico. Embora, temos visto a tentativa de se “traduzir” e inserir nos originais hebraicos, neologismos espiritistas, tais como **espiritismo** e **médium**, onde as mesmas foram criadas em 1857 por Kardec, como poderiam estar nos originais?

Mediante tal fato caros leitores, comprova-se a tentativa de se convencer de que a Doutrina Espírita possui uma condenação Bíblica que não existe e pior,

por **adulteração** de um documento histórico **que é crime**. Ademais, voltarei neste ponto mais adiante quando abordar outras edições desta passagem e de outras mais.

Fim da citação.

Enumeramos apenas algumas adulterações bíblicas, tendo em vista o cabedal ser bem mais extenso, mas para não tornar nossa resposta tão longa, deixaremos apenas essas três para reflexão do pastor e seus leitores. Vamos adiante em sua próxima alegação:

Estes carecem de nosso amor, e não de nosso desdém e ódio. O presente livro, apesar de não analisar todos os segmentos do Espiritismo (Umbanda, Candomblé, LBV, Racionalismo Cristão, Vodú, etc.), pode levar luz a todos os espíritas, já que a Bíblia é rejeitada por todas as confissões espíritas. Ademais, nossos irmãos em Cristo farão bem em lê-lo, pois o mesmo é mais uma arma a ser usada na guerra contra Satanás. O Kardecismo prega, como se pode ver na página 100 de **A Gênese**, capítulo V, número 12, 37ª edição, da Federação Espírita Brasileira, que “os planetas são mundos semelhantes à Terra e, sem dúvida, habitados...”. Os kardecistas aguardam, pois, evoluírem para, deste modo, se habilitarem a ocupar mundos melhores do que este no qual vivemos. Urge, portanto, que lhes preguemos o verdadeiro Evangelho que os libertará dessas ilusões, mostrando-lhes que é pelo sangue de Cristo (e só pelo sangue de Cristo) podemos ingressar desde já numa vida melhor (a nova vida em Cristo), bem como vislumbrar um futuro deveras brilhante. E é com isto em mente que elaboro este livro.

Nós espíritas não carecemos de apenas amor da parte dos protestantes que insistem em protestar até os dias de hoje, mas principalmente de empatia que reflete ao respeito às convicções filosóficas e morais que nos distinguem e que o pastor teve o trabalho de dedicar em nos taxar de uma série de adjetivos pejorativos que só aguçam aos seus leitores em procurar a verdade e o que fizemos neste capítulo foi exatamente isso, apontar os equívocos, enumerar os erros e mostrar a verdade por trás dos argumentos frágeis do pastor.

Não se dando por satisfeito, ao qual já o corrigimos, ele insiste em imiscuir nos conceitos espíritas, outras filosofias espiritualistas que por sinal respeitamos, mesmo sabendo que da parte dos protestantes não há igual respeito. Contudo, o pastor citou a fonte da obra **A Gênese**, contida o item 12 do capítulo V, que trata do *Antigo e modernos sistemas do mundo*, acerca do relato da pluralidade dos mundos habitados, ao qual trazemos na íntegra o texto:

12. No começo do século XVI, *Copérnico*, astrônomo célebre, nascido em Thorn (Prússia), no ano de 1472 e morto no de 1543, reconsiderou as ideias de Pitágoras e concebeu um sistema que, confirmado todos os dias por novas observações, teve acolhimento favorável e não tardou a desbancar o de Ptolomeu. Segundo o sistema de Copérnico, o Sol está no centro e ao seu derredor os astros descrevem órbitas circulares, sendo a Lua um satélite da Terra.

Decorrido um século, em 1609, Galileu, natural de Florença (Itália), inventa o telescópio; em 1610, descobre os quatro²⁸ satélites de Júpiter e lhe calcula as revoluções; reconhece que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol; que são esferas semelhantes à Terra; Galileu observa-lhes as fases e determina o tempo que duram as rotações deles em torno de seus eixos, oferecendo assim, por provas materiais, sanção definitiva ao sistema de Copérnico.

Ruiu então a construção dos céus superpostos; reconheceu-se que **os planetas são mundos semelhantes à Terra e, sem dúvida, habitados**; que as estrelas são inumeráveis sóis, prováveis centros de outros tantos sistemas planetários, sendo o próprio Sol reconhecido como uma estrela, centro de um turbilhão de planetas que se lhe acham sujeitos.

As estrelas deixaram de estar confinadas numa zona da esfera celeste, para estarem irregularmente disseminadas pelo espaço sem limites, encontrando-se a distâncias incomensuráveis umas das outras mesmo as que parecem tocar-se, sendo as aparentemente menores as mais afastadas de nós e as maiores as que nos estão mais perto, porém, ainda assim, a centenas de bilhões de léguas.

Os grupos que tomaram o nome de *constelações* mais não são do que agregados aparentes, causados pela distância; suas figuras não passam de efeitos de perspectiva, como as que as luzes espalhadas por uma vasta planície ou as árvores de uma floresta formam, aos olhos de quem as observa colocado num ponto fixo. Na realidade, porém, tais agrupamentos de estrela não existem. Se nós pudéssemos transportar para a reunião de uma dessas constelações, à medida que nos aproximássemos dela, a sua forma se desmancharia e novos grupos se nos desenhariam à vista.

Ora, não existindo esses agrupamentos senão na aparência, é ilusória a significação que uma supersticiosa crença vulgar lhe atribui e somente na imaginação pode existir.

Para se distinguirem as constelações, deram-se-lhes nomes como estes: *Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Balança* ou *Libra, Capricórnio, Câncer* ou *Caranguejo, Órion, Hércules, Grande Ursa* ou *Ursa Maior* ou *Carro de Davi, Pequena Ursa* ou *Ursa Menor, Lira* etc., e, para representá-las, atribuíram-se-lhes as formas aparentes que esses nomes lembram, fantasiosas em sua maioria e, em nenhum caso, guardando qualquer relação com os grupos de estrelas assim chamados. Fora, pois, inútil procurar no céu tais formas.

A crença na influência das constelações, sobretudo das que constituem os doze signos do zodíaco, proveio da ideia ligada aos nomes que elas trazem. Se à que se chama *leão* fosse dado o nome de *asno* ou de *ovelha*, certamente lhe teriam atribuído outra influência.

²⁸ N.E.: Atualmente, Júpiter possui 66 satélites conhecidos, quatro dos quais de dimensões planetárias.

(KARDEC, A. 2013, p. 89-90) (grifo nosso)

Ao citarmos o item 12 em questão, da obra citada, e destacando a extração do pastor à frase fora de contexto “**os planetas são mundos semelhantes à Terra e, sem dúvida, habitados**” dando a ele a alimentação de suas convicções, no que diz respeito a aceitarmos o sangue de Jesus e não crer nestas ilusões da pluralidade dos mundos habitados, pois seremos, segundo o pastor, merecedores do sangue de Jesus como alternativa de melhoria de nossa condição terrestre. Lembramos a ele que se derramaram o sangue de Jesus e por quase dois mil anos e não vimos tanta melhora assim em se crer nestes dogmas, à margem da prática dos ensinamentos de Jesus, que são muito mais importantes ao nosso crescimento, do que crer nestes dogmas, mas o que Kardec quis demonstrar foi a evolução da astronomia através dos séculos e entabular que existem planetas que podem abrigar a vida como a Terra, nada além disso. Vamos agora ao encerramento do pastor neste capítulo. Vejamos:

Agora, partamos, ao próximo capítulo deste livro. Continuemos a ver o que o Senhor ainda tem para nós. “Com Ele entraremos no forte do Inimigo e tiraremos os cativos de lá”, como bem o diz um de nossos belos hinos!

O pastor encerra cantando que vai entrar no forte do inimigo, que para ele é satanás que inspirou Kardec e suas obras da Codificação e Revistas Espíritas, ignoradas pelo nobre pastor, a nos recomendar o amor ao próximo e à caridade para com nossos semelhantes, fazendo aos nossos irmãos tudo o que nós gostaríamos que nos fizessem, retirando assim, nós espíritas, que segundo ele, estamos ativos, ao qual esta recomendação poderá recair sobre àquele de que se sugere! Estas são as inspirações do dito inimigo. Vejamos seu próximo capítulo.

CONCLUSÃO

Procuramos trazer aos leitores uma parte da nossa resposta à obra “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” do Pr Joel Santana, sendo que nossa obra

é: ***O Espiritismo e as incoerências de um pastor***, ao qual o CACP se utilizou para publicar em seu site, tendo em vista a sua sistemática em combater a Doutrina Espírita. Aos interessados em conhecer nossa refutação completa, é só clicar ([AQUI](#)) e baixar em nosso site, na ala E-Book's, o conteúdo para apreciação e tirar suas próprias conclusões.



Thiago Toscano Ferrari

Novembro/2021

Referências Bibliográficas:

- Bíblia de Jerusalém**, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
- DIAS, H. D. **O Novo Testamento**. Brasília-DF: FEB, 2013
- KARDEC, A. **A Prece Segundo o Evangelho**. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 1944.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Brasília-DF: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 1995.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Brasília-DF: FEB, 2019c.
- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 2005.
- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Brasília-DF: FEB, 2019b.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília-DF: FEB, 2004.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília-DF: FEB, 2019e.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1996.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Brasília-DF: FEB, 2019d.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Brasília-DF: FEB, 2004b.
- MATTOS, Luiz. **Racionalismo Cristão**. Rio de Janeiro: 44.ed. 2010.
- FERRARI. T. T. **A Comunicação com os Mortos na Bíblia**. Vitória-ES. 2014, <https://apologiaespirita.com.br/a-comunicacao-com-os-mortos-na-biblia/>